

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS - CCT
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO - DAU
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO - CAU

NAYR HELANA BOTÃO MARTINS

Estudo Preliminar para a Praça das Mercês em Paço do Lumiar – MA



São Luís
2019

NAYR HELANA BOTÃO MARTINS

Estudo Preliminar para a Praça das Mercês em Paço do Lumiar – MA

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Universidade Estadual do
Maranhão como requisito para obtenção
do título de Arquiteta e Urbanista.

Orientadora: Prof.^a Dra. Thaís Trovão dos
Santos Zenkner.

São Luís – MA

2019

NAYR HELANA BOTÃO MARTINS

Estudo Preliminar para a Praça das Mercês em Paço do Lumiar - MA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual do
Maranhão como requisito para obtenção
do título de Arquiteta e Urbanista.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Thaís Trovão dos Santos Zenkner (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão

Prof.^a Esp.^a Camila Bezerra de Carvalho
Universidade Estadual do Maranhão

Edelcy Araujo Ferreira
Arquiteta e Urbanista

Universidade Estadual do Maranhão. Sistema Integrado de Bibliotecas da UEMA

M386e

MARTINS, Naylor Helana Botão.

Estudo preliminar para a Praça das Mercês em Paço do Lumiar –
MA. / Naylor Helana Botão Martins. – São Luís, 2019.

102 f. : il.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão,
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Trovão dos Santos Zenkner.

1. Espaços livres públicos. 2. Estudo Preliminar. 3. Praça das
Mercês. I. Título.

CDU: 712.254(812.1)

Ao meu Deus, toda honra e toda glória.
À minha família e a todos os mestres
e mestras que dedicaram tempo de
suas vidas ao meu aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo seu infinito amor, por ter me dado força, garra e determinação para sonhar e chegar a esta graduação. Foram inúmeros os desafios e obstáculos nessa caminhada acadêmica, mas sempre o Senhor colocava anjos para me guiar. A ti seja dada toda honra e toda glória.

A minha família, pelo incentivo e apoio incondicional. À minha querida mãe Silene, pelo seu exemplo de mulher guerreira a quem devo tudo que sou. Ao meu pai Jorgenilson por tudo que faz por mim. Ao meu irmão Jorlenilson pelo companheirismo de sempre. Amo vocês.

As professoras que tive no ensino fundamental na escola “Unidade Escolar Rosa Nina”, na qual permaneci durante 8 anos como uma verdadeira família, onde sempre encontrei apoio e palavras de incentivo e carinho, fundamentais ao meu crescimento pessoal. Às professoras Iara, Laura, Gláucia Virgínia, Célia Maria, Aparecida, Erbenea, Lourenir, Fátima, que foram bem mais que professoras, pessoas que marcaram minha vida a tal ponto que até hoje recordo. Minha eterna admiração e gratidão.

Aos meus professores do CETALF – Centro de Ensino Dr Tarquínio Lopes Filho, Elys, Sirlene, Jerson, com destaque ao professor Jorge Antônio, responsável e grande incentivador do meu ingresso na UEMA, a quem admiro imensamente por ter sido mais que um docente no exercício da profissão, mas um verdadeiro pai e amigo, que pôs em minhas mãos a caneta para eu escrever minha história, meu eterno agradecimento.

Aos amigos do Instituto Federal do Maranhão, a turma 110 do curso de Edificações. Amizades incríveis, a citar Paula Jackeline, Nathália Raíssa, Thayane Nascimento e Giuliane, pelos momentos de convivência e aprendizado que extrapolaram a sala de aula. Muito obrigada, vocês são peças ímpares na minha formação.

A todos os amigos FAU-UEMA da turma 2013.2 pela convivência, aprendizado e companheirismo trocados no decorrer desses 5 anos, nas pessoas de Maria Teresa, Lucas Lucena, Lorena Victoria, Emyle, Gaby, Ricardo Conde, Andrea, Juliane, Letícia, Waldemar, Fabricio e cia.

Às minhas irmãs e companheiras de jornada Ana Caroline, Scarlett O'Hara e Thaina Paiva, cujo convívio foi intenso com momentos de alegrias e tristezas, que só serviram para fortalecer nossa amizade e mesmo em épocas

de pico de estresse, sempre conseguíamos dar boas risadas. Obrigada queridas, amo vocês.

Em especial a Scarlett O'hara, pela amizade incondicional, convivência, aprendizado e companheirismo de todas as horas, sempre me incentivando a terminar este TCC. Muito obrigada amiga, só Deus sabe o quanto sou grata a ti por tudo.

A Wellington Cutrim, meu conselheiro e amigo de todas as horas, pelo auxílio e suporte na vida e neste trabalho, e pelas brincadeiras e momentos divertidos. Agradecimento vitalício.

A Silvia Aguiar, melhor chefe, agradeço a oportunidade de estágio e partilha de conhecimento e aprendizado. Nunca esquecerei a experiência profissional vivenciada no teu escritório. MUITÍSSIMO obrigada.

A comunidade das Mercês, onde nasci, cresci e aprendi os valores da vida em família e vizinhança. A resiliência que levo hoje foi adquirida no decorrer dos contatos sociais que tive no convívio com cada um daqueles que compuseram minha formação.

A todos os professores e funcionários da UEMA, que contribuíram com meu aprendizado. A Zé Carlos, em especial pelo carisma e modelo de funcionário público.

Agradeço à prof. Andréa Duailibe pela oportunidade de participação no LabHab, e experiência incrível junto ao projeto Startup Zone, além das orientações preliminares no desenvolvimento desta pesquisa.

À prof. Aurea Celeste por me ter feito sua cobaia na Fau e ter proporcionado experiência tão grandiosa no Casarão Tech. MUITÍSSIMO obrigada.

Agradeço à prof. Camila Bezerra por suas sábias avaliações e pelas palavras de incentivo. Minha eterna gratidão, professora.

À minha orientadora Thaís Zenkner, a quem admiro muitíssimo, não apenas por ser um exemplo de exímia profissional, mas também pela referência pessoa que demonstra ser em cada atitude. Conduziu-me com muita maestria, dedicação, conhecimento, serenidade e calma. Minha eterna gratidão, professora.

A todos que de algum modo contribuíram para realização deste sonho, fica registrado nestas linhas minha eterna gratidão.

“É o sonho que liberta. De tudo: do mundo, dos outros, de nós. É necessário crer no sonho. E salvá-lo sempre. Para nos salvarmos.”

Cecília Meireles

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo propor um estudo preliminar para a Praça das Mercês – terminologia utilizada para fins deste trabalho - localizada no bairro Mercês em Paço do Lumiar, a fim de oferecer um bom espaço de encontro, lazer e recreação para os moradores e, por conseguinte, contribuir com o fortalecimento do sentido de pertencimento e comunidade. Para isso, foram estudados os conceitos e a importância dos espaços livres públicos para as pessoas. Após, foi feito um panorama histórico sobre as praças e as funções que desempenham na cidade. Posteriormente, foi abordado o contexto histórico de formação do sítio e características culturais. Através dos resultados dos diagnósticos, do questionário respondido pelos moradores e estudo de algumas referências projetuais de praças, foi montado o programa de necessidades para o projeto da Praça das Mercês. Pensando em proporcionar um espaço público mais agradável para as pessoas, o resultado desse estudo é apontado na proposta geral da intervenção que será apresentada no fim deste trabalho.

.

Palavras-chave: Espaço Livre Público. Estudo Preliminar. Praça das Mercês.

ABSTRACT

This work aims to propose a preliminary study for Mercês Square - terminology used for the purposes of this work - located in Mercês neighborhood in Paço do Lumiar, in order to offer a good space for meeting, leisure and recreation for the residents and, for contribute to strengthening the sense of belonging and community. For this, the concepts and importance of public spaces for urban vitality were studied. Afterwards, a historical panorama was made on the squares and functions that they play in the city. Subsequently, the historical and cultural context in which its residents are involved was approached. Through the results of the diagnoses, the questionnaire answered by the residents and the study of some project references of the squares, the needs program for the Mercês Square project was set up. Thinking of providing a more pleasant public space for the people, the result of this study is pointed out in the general proposal of the intervention that will be presented at the end of this work. .

Keywords: Free Public Space. Preliminary Studies. Mercês Square.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Espaço livre em Saint Germain, Paris.....	20
Figura 2 – Tambor de Crioula em rua do Centro Histórico de São Luís - MA. .	22
Figura 3 – Parque do Bom Menino	
Figura 4 – Espaço de lazer na APA do Itapiracó.....	25
Figura 5 – Viaduto do Chá, São Paulo	
Figura 6 – Rua em Ribeirão Preto, São Paulo	26
Figura 7 – Reconstituição da Ágora de Atenas.	29
Figura 8 – Reconstituição do fórum romano.....	30
Figura 9 – Praça de mercado, Alemanha	
Figura 10 – Praça da igreja em Veneza	31
Figura 11 – Palma Nuova, Itália, construída em 1593.....	32
Figura 12 – A Praça Ideal na Cidade Renascentista, séc XV	33
Figura 13 – Praça da Concórdia vista da torre Eiffel e fonte Jacques Hittorff ..	34
Figura 14 – Praça de Tiradentes em Ouro Preto – MG.....	35
Figura 15 – Praça dos Três Poderes em Brasília, 2006.....	36
Figura 16 – Mapa de Localização de Paço do Lumiar e Mercês.....	38
Figura 17 – Joel Cantanhede e seu acervo lítico.	41
Figura 18 – Nossa Senhora das Mercês / Nossa Senhora da Vitória / São Sebastião.	43
Figura 19 – Traçado viário existente na época de construção da 1ª capela em taipa.	44
Figura 20 – Capela Nossa Senhora das Mercês em 1999.....	45
Figura 21 – Capela Nossa Senhora das Mercês em 2019.....	46
Figura 22 – Planta baixa da capela a esquerda em 1999 e a direita em 2019.	46
Figura 23 – Encenação da Paixão de Cristo no largo da capela.....	48
Figura 24 – Pequena procissão na Avenida.	
Figura 25 – Recepção da Santa em residência.....	48
Figura 26 – Procissão e festejo Nossa Senhora das Mercês, 2018.....	49
Figura 27 – Postagem em rede social sobre retirada da árvore.....	50
Figura 28 – Comunidade no torneio Ypiranga em Mercês.....	52
Figura 29 – Time de futebol das Mercês.	53
Figura 30 – Bloco "Os Rebarbados" em Mercês.	54

Figura 31 – Humberto Maracanã na Capela Nossa Senhora das Mercês.	55
Figura 32 – Boi do Maracanã no largo da capela.....	55
Figura 33 – Arraial Rua da Mangueira.	56
Figura 34 – Mapa com Rio das Mercês em 2004.....	60
Figura 35 – Mapa com implantação do Condomínio Cidade Verde em 2017 ..	60
Figura 36 – Enchente no rio das Mercês.....	61
Figura 37 – Trecho do Mapa de Macrozoneamento Urbano e Rural.	62
Figura 38 – Mapa das vias.	63
Figura 39 – Rua do Campo.	
Figura 40 – Av. Principal e Rua da Mangueira.....	64
Figura 41 – Mapa de usos.....	65
Figura 42 – UEB Paulo Freire.	
Figura 43 – Unidade Básica de Saúde Mercês.	66
Figura 44 – Mata ciliar e vegetação nativa na adjacência da Avenida Principal das Mercês.....	66
Figura 45 – Crianças banhando em rio das Mercês.....	67
Figura 46 – Mapa hipsométrico.	68
Figura 47 – Levantamento do terreno da capela.....	69
Figura 48 – Mapa de condições climáticas.	70
Figura 49 – Mapa de condições do largo.	71
Figura 50 – Fotos do largo da capela.....	72
Figura 51 – Moradores em contato com a maquete do largo.....	80
Figura 52 – Praça Victor Civita em São Paulo	82
Figura 53 – Praça da Matriz em Catanduva São Paulo.	84
Figura 54 – Planta de setorizaçãoFonte: Elaborado pela autora, 2019.....	87
Figura 55 – Áreas verdes e circulação	88
Figura 56 – Planta de mobiliário urbano.....	90
Figura 57 – Proposta geral de intervenção.....	91
Figura 58 - Vista superior da intervenção.....	91
Figura 59 – Vistas da intervenção.....	92
Figura 60 – Vistas da intervenção.....	93

TABELAS

Tabela 1 – Dimensões das imagens religiosas.	42
Tabela 2 – Programa de necessidades da Praça das Mercês.	86

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Pirâmide etária do bairro das Mercês.	57
Gráfico 2 – Quantidades de moradores por domicílios.	58
Gráfico 3 – Gênero dos entrevistados.	73
Gráfico 4 – Faixa etária dos entrevistados.	73
Gráfico 5 – Tempo que entrevistado reside no bairro.	74
Gráfico 6 – Relação morador e bairro.	75
Gráfico 7 – Justificativa da moradia no bairro.	75
Gráfico 8 – Ausência de áreas públicas no bairro.	76
Gráfico 9 – Conhecimento do largo da capela pelos entrevistados.	76
Gráfico 10 – Frequência dos moradores no largo da capela.	77
Gráfico 11 – Finalidade de ocupação do largo na atualidade.	77
Gráfico 12 – Opinião do morador sobre o largo.	78
Gráfico 13 – Necessidade de intervenção no largo.	79
Gráfico 14 – Elementos levantados para o projeto.	79

LISTA DE SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MDE – Modelo Digital de Elevação

UEB – Unidade de Ensino Básico

SECAP – Secretária de Comunicação Social e Assuntos Políticos do Maranhão

IMESC – Instituto Maranhense de Estudos Cartográficos e Socioeconômicos e Cartográficos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS	19
2.1 Conceito e importância	19
2.2. Tipos de espaços públicos.....	23
3. A PRAÇA: DA ÁGORA A CONTEMPORANEIDADE	28
4. DIAGNÓSTICO DO BAIRRO MERCÊS EM PAÇO DO LUMIAR	37
4.1. Localização e contexto histórico	37
4.2. A Capela Nossa Senhora das Mercês	45
4.5.1. Festejos religiosos	47
4.5.2. O signo e significado da mangueira para os moradores	49
4.3. A comunidade e suas manifestações culturais	51
4.4. Características socioeconômicas.....	56
4.5. Mapas de análise do bairro	61
4.5.1. Mapa das vias.....	62
4.5.2. Mapa de usos	64
4.5.3. Mapa hipsométrico.....	67
4.6. Diagnóstico do largo da capela.....	68
4.7. Resultados das entrevistas	72
5. ESTUDO PRELIMINAR	81
5.1. Referências Projetuais	81
5.1.1. Praça Victor Civita – São Paulo	81
5.1.2. Praça da Matriz em Catanduva – São Paulo	83
5.2. Proposta para a intervenção	85
5.2.1. Conceito.....	85
5.2.2. Programa de necessidades	85
5.2.3. Setorização.....	86
5.2.3. Proposta geral.....	90
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES.....	101
APÊNDICE B – PRANCHAS EM ANEXO	102

1. INTRODUÇÃO

Os espaços livres públicos, cuja função principal é servir como ponto de encontro para os cidadãos, estabeleceram ao longo da história grande relevância na formação da vida coletiva das cidades. Por definição, constituem todo local isento de edificação e destinado ao livre usufruto das pessoas, a citar: praças, largos, ruas, calçadas e parques urbanos. Locais que da antiguidade, na figura da ágora, à contemporaneidade servem de cenário para as manifestações sociais, abrangendo desde protestos políticos até festividades religiosas.

O município de Paço do Lumiar – MA, situado na Ilha de São Luís, veem de uma formação histórica rica, com forte presença de manifestações culturais. Geograficamente dispõem de imensas áreas livres, matas ciliares e nativas, além de rios e riachos. As comunidades germinais, oriundas do processo de ocupação no território, são caracterizadas pela prática da agricultura, extrativismo e pesca. Sofrem com a invisibilidade por parte dos órgãos públicos, o que reverbera na ausência de infraestrutura generalizada. Os espaços livres públicos partem da apropriação dos moradores, sendo nítida a escassez de atrativos urbanos.

Nesse contexto, o bairro das Mercês, localizado na cidade do Paço do Lumiar- MA, tem sua história atrelada às memórias dos espaços livres e dos elementos que o compõe. Desse modo, a capela Nossa Senhora das Mercês configura-se como um marco, um ponto de encontro para seus moradores que constituem uma comunidade onde o sentido de pertencimento com o local é muito forte. A paisagem do largo era basicamente composta pelas edificações da capela e do salão comunitário, além das árvores nativas, a citar mangueiras, cajueiros e pitombeiras, constituindo o espaço público, estabelecido então como marco para as atividades religiosas, de lazer e recreação entre os cidadãos.

Ao longo dos anos o cenário natural foi sofrendo alterações e as árvores centenárias foram gradativamente eliminadas devido a sua própria instabilidade. Portanto, desconstruiu-se a paisagem original e o seu significado para os cidadãos. Quando foi retirada a última árvore, principal área sombreada do largo e ponto de encontro e recreação da comunidade, surgiu uma

manifestação através das redes sociais feita pelos moradores. Relatos de memórias ali vivenciadas, lembranças e a indignação pela carência de espaços públicos dignos no bairro. A partir disso, pode-se compreender o quão significativo e importante é o espaço para a comunidade, evidenciando um sentido de pertencimento com o local bem como a necessidade de intervenção.

Esta pesquisa objetiva propor um estudo preliminar para espaço livre público do largo da Capela Nossa Senhora das Mercês, visando a criação de uma praça, proporcionando lazer e interação para a comunidade, e contribuindo para o fortalecimento das atividades sociais existentes. Ressalta-se que tal lugar foi apropriado pelos moradores, apesar de não dispor de infraestrutura, onde a representatividade simbólica confere a esse espaço grande autenticidade e reconhecimento pelos usuários. Para fins de reconhecimento, neste trabalho tal região será denominada “Praça das Mercês”.

Para os objetivos específicos pretende-se compreender o conceito de espaço livre público e sua importância para a vida nas cidades, através de bibliografia específica. Posteriormente, conceituar e contextualizar o elemento morfológico praça, com enfoque nas suas características históricas, funções e importância para as cidades. Ademais, pesquisar sobre o contexto histórico a evolução do bairro das Mercês em Paço do Lumiar, a relação da comunidade com o largo da capela, as manifestações culturais existentes em tal espaço, as características socioeconômicas e análises urbanísticas. Por fim, analisar alguns projetos de praças como forma de embasamento e elaborar a proposta de estudo preliminar.

Quanto à metodologia, estabeleceu-se três etapas para o desenvolvimento da pesquisa. A primeira consiste no levantamento de referências bibliográficas para compreender e contextualizar toda a teoria e conceituação abordada. A segunda etapa está baseada na pesquisa de campo, com levantamento físico e fotográfico do terreno, assim como aplicação dos questionários (Apêndice A) e prospecção do histórico do bairro por meio de conversas com os moradores antigos.

Já na terceira fase, elaborou-se um programa de necessidades e com posterior apresentação um estudo preliminar para implantação da Praça das Mercês, a fim de proporcionar um espaço que atenda aos interesses da

comunidade.

Com o propósito de alcançar o objetivo principal, este trabalho estrutura-se em 6 capítulos, sendo a introdução o primeiro deles. No segundo capítulo, são explorados os conceitos, os tipos e exemplos de espaços livres públicos, com destaque para os princípios e importância de tê-los nas cidades. Entre os principais autores usados como referência estão os defensores de cidades para pessoas, como Jane Jacobs (2011) e Jan Gehl (2015).

No capítulo três, são aprofundadas as definições da terminologia praça, sua origem e contextualização histórica das praças no mundo. Neste foram utilizados os teóricos Alex Sun (2011) e seu estudo de praças, Lúcia Leitão (2002) com o seu manual de intervenção em praças, Caldeira (2007), Pinto (2003), Pereira (2008) e Robba e Macedo (2002) com as profundas análises sobre espaços públicos, em especial as praças.

O capítulo quatro apresenta o diagnóstico do bairro das Mercês em Paço do Lumiar- MA. Neste foram abordado o contexto histórico, a relação da comunidade com o espaço da capela Nossa Senhora das Mercês, as manifestações culturais, as características socioeconômicas, mapas de análise do bairro e do entorno do largo da capela, e por último o resultado das entrevistas aplicadas como meio de investigação a realidade do problema frente à percepção do morador.

No capítulo cinco, duas referências projetuais são exploradas como meio de embasamento para a concepção projetual, seguido do plano de necessidades, e, por fim, a proposta final do estudo preliminar, a Praça das Mercês. No sexto capítulo são tecidas as considerações finais, em uma breve síntese do exposto no trabalho, e as conclusões dos resultados a respeito do tema proposto.

2 ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

Na história da formação das cidades o espaço público teve sua participação significativa, como principal local de convergência das interações entre as pessoas. Com uso diversificado para questões políticas, eventos religiosos, confrontos militares, atividades de lazer, práticas de esportes, entre outros. Nota-se que a multifuncionalidade que o cabe, torna-o um protagonista para estudos que subsidiam o desenvolvimento e qualidade de vida nas cidades.

Por seu caráter complexo de designações, a seguir tem-se alguns conceitos e discussões acerca dos espaços livres públicos.

2.1 Conceito e importância

A conceituação de espaços livres públicos possui complexidade de designações, adequando-se as mais variadas áreas de estudo. Merlin e Choay (2000), além de apontar a diversidade da expressão, enfatizam a relação desses espaços com a construção histórica na qual estão inseridos.

De uso muito recente no urbanismo, a noção de espaço público não foi até hoje objeto de definição rigorosa. Considera-se espaço público a parte não construída de uma cidade, de domínio público, destinada a uso público [...]. Com presença marcante no urbanismo operacional dos últimos quinze anos, os debates atuais acerca das formas e dos significados do espaço público no ambiente urbano são ainda muito dependentes de referências históricas e morfológicas (MERLIN, Pierre; CHOAY, Françoise, 2000 – Tradução livre apud CERQUEIRA, 2013 p.23).

Para Queiroga (2017) a conceituação de espaços livres deve ser subdividida na escala regional, aquele espaço livre de urbanização, e na escala do tecido urbano, aquele livre de edificação. Desse modo, o autor entende que “são espaços livres tanto as ruas quanto os campos e as florestas, os quintais e as praças, rios e mares, entre tantos outros” (QUEIROGA 2017, p. 117).

Na mesma linha de pensamento de Queiroga, Magnoli (2006, p. 203) ressalta que “a apropriação dos espaços pelo homem para suas necessidades e atividades é criada em âmbitos locais, setoriais, urbanos, metropolitanos, sub-regionais e regionais em função da proximidade espacial.”

Evidencia-se as conexões existentes entre o ambiente espaço público e o meio geográfico como fator preponderante para as análises do lugar.

De acordo com Jacobs, (2011, p. 291), o espaço público é entendido como aquele “[...] em que as pessoas se movimentam livremente, por livre escolha, no percurso de um lugar a outro”. Desse modo, o local se torna lugar de encontro e interação da sociedade, haja vista que para este converge as diversas situações cotidianas, conseqüentemente ocorre o fenômeno da vitalidade urbana.

Gerhl (2015, p. 28) concorda com Jacobs (2011), e completa que “é significativo que todos os grupos sociais, independentemente da idade, renda, status, religião ou etnia, possam se encontrar nesses espaços, ao se deslocarem para suas atividades diárias.” Para o autor o caráter de universalidade imposto ao ambiente dos espaços públicos, transfere para as pessoas sentimento de confiança e segurança quanto a apropriação da cidade.

Na figura (1), tem-se a praça Des Voges, na cidade de Paris como um exemplo do exposto por Gehl, aparentemente um lugar de grande carga cultural e simbólica, que permite aos indivíduos a apropriação plena e sem restrições, convidativo as relações e interações entre indivíduos.

Figura 1 – Espaço livre em Saint Germain, Paris.



Fonte: BORDAN, H. 2017¹

Haja vista a necessidade de proporcionar conforto e segurança para quem utiliza dos espaços públicos, vale frisar o cuidado e importância da

¹ BORDAN, Helena. **Meet me in Paris**. 02 out. 2016. Disponível em: <<http://www.helenabordon.com/meet-me-in-paris/>>. Acesso em: 26 mai. 2019

acessibilidade para estes lugares. No aspecto físico refere-se às condições que permitem a boa caminhabilidade, que está vinculado a pavimentação e calçamento, fluxo pedonal sem obstáculos, inclinação adequada, sinalização no percurso e condicionantes ambientais. No aspecto urbano, a possibilidade de se locomover com mais rapidez, devido a diversidade de uso em seu entorno e o fácil acesso devido à variedade de transportes, em tese impacta de forma positiva tanto para o pedestre quanto para o comércio.

Desta forma, o espaço público tem um significado marcante para o seu entorno e população, por ser um local de histórias e memórias, tanto individual, quanto de valor coletivo. Os laços vivenciados no espaço que o torna especial e refletem na arte, nas músicas, festividades regionais, entre outros (LEITÃO, 2002).

Por ser um local público possui como aspecto intrínseco a possibilidade da pluralidade, por exemplo, pessoas, culturas, idiomas, destacando seu viés democrático, onde é o palco para o encontro e trocas de experiências urbanas. A vista disso, converge as diversas manifestações populares, que utilizam do espaço para disseminar ideias, defender pautas e lutar por mudanças políticas. Além do enfrentamento às diversas questões sociais, têm as inúmeras comemorações e festividades, que estão vinculadas tanto a esfera política, religiosa e cultural. Como bem aborda SERPA (2018) a citar como exemplo as festas e tradições religiosas.

“As festas e as tradições religiosas pertencem à esfera da experiência, constituindo-se das impressões que o psiquismo incorpora na memória, das excitações que jamais se tornaram conscientes e que, transmitidas ao inconsciente, deixam nele traços mnêmicos duráveis. Memória individual e coletiva fundem-se nas sociedades tradicionais através da festa e do culto, em que episódios significativos do passado coletivo são rememorados, levando cada indivíduo a incorporar essas memórias à sua própria experiência, já que, ao recordar-se delas, recorda-se também de seu próprio passado. Os dias festivos possuem justamente a função de estimular essas rememorações, pertencendo ao domínio da memória involuntária” (SERPA, 2018, p. 156).

Como exemplo tem-se as festividades de São João que acontecem no país, sobretudo no estado do Maranhão, com a figura do bumba meu boi, em que se evidencia a identidade cultural do lugar, além de atrair turistas do mundo inteiro na temporada de junho. Na Figura 2, mostra a ocupação do

Tambor de Crioula pelas ruas do Centro Histórico de São Luís, geralmente existem praças, ruas e espaços fechados que são utilizados para as apresentações, que movimentam a cidade durante toda a temporada.

Figura 2 – Tambor de Crioula em rua do Centro Histórico de São Luís - MA.



Fonte: O IMPARCIAL, 2017²

A construção do ser coletivo tem seu papel de destaque nesse espaço, diversidade estimula o cidadão a compreender e respeitar as pessoas e o ambiente ao seu redor.

“Os espaços públicos, enquanto espaços da cidade e parte da sua paisagem possuem valor pela relevância que o seu uso e função exercem na sociedade e pela relação que estabelecem com a cidade. A praça, as ruas, os parques, etc. são espaços fundamentais para a prática do espaço urbano, para a experimentação da cidade e para a construção de significados coletivos” (DARODA, 2012, p.27).

O ambiente construído através em suas diversas facetas, tanto quanto sua forma, quanto seus equipamentos, reflete na maneira de ocupação e facilita, ou não seu uso. Quanto mais fácil seu acesso e deslocamento, igualmente agilizará a vida dos transeuntes e o mercado que ali o cabe.

“A paisagem humanizada e o ambiente arquitetônico são patrimônios coletivos. Os cidadãos têm direito a viver em ambientes esteticamente qualificados. O direito à qualidade da paisagem e da

² O IMPARCIAL. São João do Maranhão é uma festa de ritmos e diversidade cultura. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2017/06/sao-joao-do-maranhao-e-uma-festa-de-ritmos-e-diversidade-cultural/>>. Acesso em: 20 mai. 2019

arquitetura é um direito social e, noutro sentido, fundamento da intervenção do arquiteto” (LAMAS, 2004, p. 68).

Para Queiroga (2017, p. 121) “os lugares públicos de maior expressão simbólica são os preferidos para as manifestações políticas em sentido estrito, bem como as grandes comemorações sejam elas festas religiosas, de passagem de ano, conquistas eleitorais ou de campeonato de futebol.” Com isso tem-se o fator simbólico como elemento viável para a construção e apropriação do espaço.

Resumidamente, segundo Leitão (2002), dentro da esfera do urbanismo, sintetiza que o espaço público é compreendido baseado em três ideias básicas: a exterioridade, a acessibilidade e o significado. O primeiro diz respeito ao espaço oposto ao privado, o livre e irrestrito a todos, o aberto. O segundo por sua vez, refere-se à condição de infraestrutura efetiva que possibilita o acesso livre e digno para as pessoas. O terceiro e último como o próprio nome sugere, está relacionado às memórias auferidas a tal espaço, conseqüentemente o nível de significado para cada morador.

2.2. Tipos de espaços públicos

Os espaços livres constituem-se de duas premissas básicas aqueles formados pela natureza e os provenientes de ações antrópicas. No primeiro grupo temos os espaços livres naturais constituídos por rios, matas, mares, praias e florestas. Já, no segundo, os desenvolvidos pelo homem podem ser exemplificados por: ruas, calçadas, parques, praças, largos, campos de futebol, cemitérios, etc.

Diante disso, percebe-se a variedade de espaços livres no contexto da cidade, sendo relevante a compreensão daqueles onde as relações sociais acontecem e obviamente os dotados de maior significância para os habitantes.

Desse modo, adota-se o conceito de Macedo (1995), que subdivide os espaços livres públicos em três grupos: espaços verdes, áreas de circulação e áreas de lazer.

Os espaços verdes são entendidos como “toda área urbana ou porção do território ocupada por qualquer tipo de vegetação e que tenham um valor social” (MACEDO, 1995, p. 16). No qual se inserem os campos, as matas,

os jardins, alguns tipos de praça, parques, entre outros. Entende-se que o “valor social” que tais espaços possuem estejam intimamente ligados ao papel que desempenham, podendo ser de valor cultural, estético/plástico, lazer/diversão, ou mesmo de proteção ambiental.

O Parque do Bom Menino (figura 3), situado no Centro da capital maranhense, possui uma área estimada de 9.557 m², composto por espaços para caminhadas, pontos de alongamentos, aparelhos de ginástica e muitas árvores, além do ginásio poliesportivo Tião. O espaço possui índice de apropriação muito perceptível tanto de dia quanto a noite (O IMPARCIAL, 2015³).

A Área de Proteção Ambiental do Itapiracó (figura 4), situada entre os municípios de São José de Ribamar e São Luís, foi criada pelo decreto 15.618 de 23 de junho de 1997 com um total de 322. Atualmente, o Complexo Ambiental da Área de Proteção Ambiental - APA do Itapiracó destaca-se no cenário do lazer e recreação, pois a partir de um projeto de revitalização na área foram inseridas praças, campos de futebol, trilhas, academias ao ar livre, *playgrounds*, ciclovias, quadras de esportes, circuito de *skates*. Logo, compreende-se como um espaço de relevância pública para as pessoas e ao mesmo tempo concomitantemente corrobora com a preservação da unidade.

³ O IIMPARCIAL. **Parques de São Luís são ótimas opções de lazer e prática de atividades físicas.** Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2015/08/parques-em-sao-luis-sao-otimas-opcoes-para-lazer-e-a-pratica-de-atividades-fisicas/>>. Acesso em: 25 mai. 2019

Figura 3 – Parque do Bom Menino



Fonte: O IMPARCIAL, 2015⁴

Figura 4 – Espaço de lazer na APA do Itapiracó.



Fonte: SECAP MA, 2017⁵

As áreas de circulação são definidas por Macedo (1995, p.20) como as que “[...] englobam a grande maioria dos espaços livres de edificação e de propriedade pública (no caso todo o sistema viário) e parte do sistema privado de espaços, tais como vilas e sistema viário de condomínio”. Compreende-se que são áreas destinadas ao fluxo de pedestres e veículos, a citar calçadas, ruas e estacionamentos.

Segundo Lamas (2004), a rua representa a fração unitária e indispensável para a forma da cidade, determina o traçado urbano e a disposição dos espaços privados e públicos. Deste modo é o elemento de conexão entre pessoas, edificações e o meio, que influencia na logística e na relação da comunidade.

Para Jacobs (2011) as ruas e as calçadas extrapolam as funções de traçado colocadas por Lamas, para a autora as atribuições desses elementos vão muito além da circulação, sendo designados como órgãos vitais, conforme reflexão da autora:

“As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar numa cidade, o que lhe vem à cabeça? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona” (JACOBS, 2011, p.22).

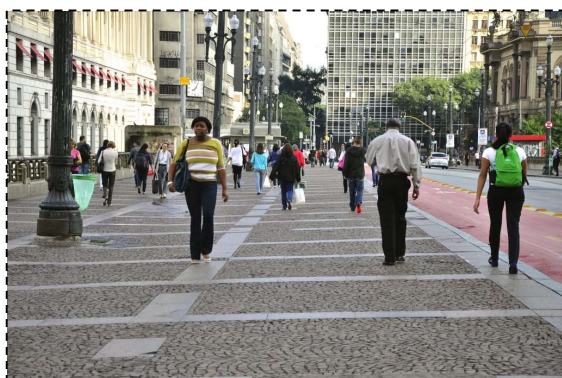
⁴ Ibidem

⁵ MARANHÃO, Secretária de Comunicação Social e Assuntos Políticos do. **Parque ambiental da reserva do Itapiracó conserva mais de 200 espécies amazônicas**. Disponível em: <<http://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/desenvolvimento/parque-ambiental-da-reserva-do-itapiraco-conserva-mais-de-200-especies-amazonicas>>. Acesso em 25 mai. 2019.

A calçada, de uso restrito ao pedestre, destaca-se como o local para a caminhabilidade, ainda principal acesso às edificações de usos variados, nela também ocorrem os encontros rápidos e interações sociais em escala mais ampla. Destaca-se a necessidade da acessibilidade, percurso livre de obstáculos, para atingir suas atribuições citadas. No Viaduto do Café (figura 5) observa-se os qualidade do espaço de circulação que favorece um bom deslocamento aos transeuntes.

Já na Rua de Ribeirão Preto (figura 6) verifica-se a apropriação dos moradores para com sua rua, utilizando-a como meio de promoção de atividades recreativas e evidenciando a força da escala de vizinhança na ocupação e promoção da vivacidade no ambiente. O exemplo supracitado encaixa-se na colocação de Jacobs (2011, p.8) “as ruas tinham vida com crianças brincando, gente fazendo compras, gente passeando, gente falando”.

Figura 5 – Viaduto do Chá, São Paulo



Fonte: TANSCHKEIT, P. 2016⁶

Figura 6 – Rua em Ribeirão Preto, São Paulo



Fonte: TURTELLI, C. 2014⁷

As áreas de lazer, definidas por Macedo (1995, p.20) são “todo e qualquer espaço livre de edificação destinado prioritariamente ao lazer, seja ele ativo, isto é uma área para jogos e brincadeiras ou contemplativo, isto é, áreas dotadas de um valor cênico/paisagístico expressivo[...]”. Nesta categoria incluem-se as praias, os parques e as praças.

⁶ TANSCHKEIT, Paula. **Três cidades brasileiras dão exemplo de priorização aos pedestres**. 01 jul. 2016. Disponível em: <<https://thecityfixbrasil.com/2016/07/01/tres-cidades-brasileiras-dao-exemplo-de-priorizacao-ao-pedestre/>>. Acesso em: 26 mai. 2019

⁷ TURTELLI, Camila. **Torneio resgata brincadeira de rua no centro de Ribeirão Preto**. 01 jun. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2014/06/1463244-torneio-resgata-brincadeira-de-rua-no-centro-de-ribeirao-preto.shtml>>. Acesso em 26 mai. 2019

As praças são definidas por Lynch apud (PEREIRA, 2008, p. 26), como “espaços de encontro e lazer dos transeuntes, são locais de escape dentro do contexto urbano, onde proporcionar o bem-estar dos indivíduos é o principal objetivo”. O autor evidencia a funcionalidade do lazer e recreação que o espaço sobredito desempenha para as pessoas em ambiente da cidade.

Após as definições explicitadas na pesquisa, conceituou-se sobre as praças, objeto principal da pesquisa, sendo o estudo preliminar de praça, resultado de todo o trabalho exposto.

3. A PRAÇA: DA ÁGORA A CONTEMPORANEIDADE

A nomenclatura praça etimologicamente deriva do latim *platea*, a significar “rua larga, local para reuniões públicas” e de *platus*, “liso, sem relevo, largo e achatado”⁸. Gomariz (apud Sun, 2008, p.44) reforça que “o termo *plaza* é latino, originado de *platea*, que por sua vez vem do grego, no qual significava “recinto amplo e plano”. A partir do pressuposto conceitual do termo, compreende-se que esta tem caráter essencialmente de uso público, atrelado a uma espacialidade delimitada e ampla, entendida ainda como base do processo evolutivo da civilização.

A evolução humana, enquanto organização social, está intrinsecamente relacionada a figura da praça. Dessa forma, desempenham importante papel como palco de decisões, espaço democrático, de uso comum, local de convívio e lazer de toda comunidade (VIERO; FILHO, 2009).

Segundo Leitão (2003), as praças são unidades urbanísticas fundamentais para a vida na cidade, sobretudo nas ocidentais, onde desempenham papel fundamental na história da coletividade em que estão alocadas. Alex (2011) explica que a praça está além de um simples espaço na cidade, configurando-se como elemento incorporado ao sítio.

“A praça, em sua origem latina, caracteriza-se como espaço de encontro e convívio, urbano por natureza. Espaço este que se conforma por várias aberturas no tecido urbano que direcionam naturalmente os mais diversos fluxos em busca dos, também, mais diversos usos, que imprimem a esse espaço o caráter de lugar e ponto central de manifestação de vida pública. É, em sentido amplo, o espaço para troca. Nesse sentido, a praça em nossa cultura vincula-se ao conceito de espaço público, acessível a todos os indivíduos, moradores ou visitantes capazes de interagir livremente na mesma base, independentemente da sua condição social” (ALEX, 2011, p. 10).

Na mesma linha de Alex, Lamas (2004, p. 102) discorre que a praça é caracterizada como “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas”. Para Lynch (apud Pereira, 2008, p. 26), as praças são “espaços de encontro e lazer dos transeuntes, são locais de escape dentro

⁸ **Origem da palavra.** Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/praca/>>. Acesso em: 19 mai. 2019

do contexto urbano, onde proporcionar o bem-estar dos indivíduos é o principal objetivo”.

Assim sendo, infere-se que a praça carrega consigo conceito multifacetado e variedade de significados, funcionais ou morfológicos, entretanto seu papel de maior destaque sem dúvidas é a de ser um espaço onde acontece a vitalidade urbana.

A partir dessas premissas teóricas e conceituais, verifica-se a importância que a figura da praça representa para sociedade em que está inserida. Sob um panorama histórico, o espaço público supracitado teve suas origens na Grécia, denominada de *Ágora*. Local utilizado pelos gregos para os encontros e reuniões, sobretudo para assuntos de caráter político e administrativos.

A forma da praça dos gregos era constituída por um pátio aberto, rodeado de edificações com usos administrativos e públicos. “Nela situavam-se o *bouleuterium*, uma espécie de sala de conselho da cidade, e o *prytaneum*, a câmara privada dos chefes oficiais do magistrado. Um dos lados era ocupado por uma construção em pórticos, a *Stoa*, onde funcionava o mercado” (CALDEIRA, 2007, p. 17).

Figura 7 – Reconstituição da *Ágora* de Atenas.



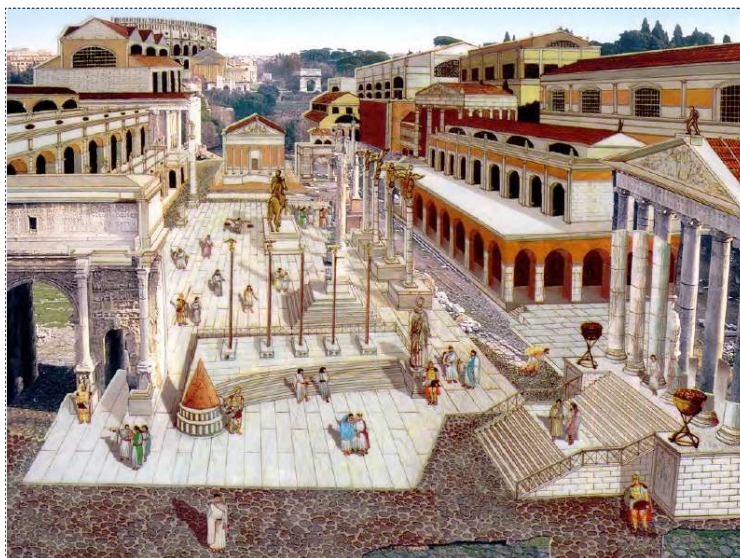
Fonte: CALDEIRA, 2007.

A autora ressalta que a *ágora* se elevou ao status de espaço público mais significativo para a sociedade grega, pois era nela onde se discutiam e decidiam as questões de interesse do coletivo, logo era um ambiente de pleno exercício da cidadania ao ar livre.

Ao contrário da ágora, o fórum romano se caracterizava como espaço público que possuía multifuncionalidade. Era circundado por edificações religiosas, institucionais e comerciais, além de ser palco para socialização e jogos. Caldeira (2007, p. 17) complementa que o fórum era “decorado com esculturas, arcos e colunas, sua configuração também se destacava na malha urbana, sobretudo pelo caráter monumental do seu conjunto arquitetônico.”

Possuía um traçado menos regular que o da ágora e era rodeado de diversos equipamentos “cujos usos são diversificados (a basílica, a praça central, o mercado, os templos e o teatro) e cuja implantação não assentava numa regra de relação formal entre os edifícios” (PEREIRA, 2008, p. 14).

Figura 8 – Reconstituição do fórum romano.



Fonte: CALDEIRA, 2007.

Então, pressupõe-se que tanto a ágora quanto o fórum romano retratam a formação inicial do espaço público. Surge então o aspecto simbólico que se materializa em função da cultura e manifestação do desejo coletivo, que passa então a vigorar em respectivas civilizações.

Na Idade Média, conforme colocação de Morris (1992, p.108-111 apud PINTO, 2003, p. 41), os principais espaços públicos nas cidades medievais são a praça do mercado e a praça da igreja. A primeira, por ser a cidade essencialmente comercial, e a segunda, por causa da ascensão da burguesia que muito contribuiu para a construção de diversas catedrais

erguidas a partir do século XII. Caldeira (2007, p.23) coloca que “[...] a configuração da praça medieval definiu-se pelo contraste do vazio com a densa paisagem, estruturando uma diversidade de espaços: praças de mercado, praça da igreja, praça cívica, praça de entrada, praça central, ou mesmo conjunto de praças.”

Figura 9 – Praça de mercado, Alemanha ⁹ Figura 10 – Praça da igreja em Veneza ¹⁰



Fonte: PINTO, 2003, p. 42



Fonte: PINTO, 2003, p. 43

Convergiam para o espaço da praça medieval as atividades cotidianas, as feiras, festas, procissões e representações teatrais. Ainda aconteciam nesta julgamentos e as execuções públicas, como representação marcante do poder e das leis característicos do período (CALDEIRA, 2007).

A praça renascentista difere da medieval, por possuir espaços elaborados, intencionalmente mais projetados. Alex (2011, p. 31) discorre que é “o período marcado pelo fortalecimento do poder civil, separado da Igreja, pelo ressurgimento do comércio e pela preocupação com a beleza do ambiente construído.” Nesse sentido, Segawa (1996, p.48) complementa que “[...] o emaranhado tecido de estreitas e abafadas vielas e ruas do passado vai, gradativamente, sendo substituído por largas, luminosas e arejadas vias de comunicação – o espaço urbano ganha novas referências com as perspectivas inéditas de avenidas retas”. Corroborando, Pinto (2003, p.53) enfatiza que há “uma predileção pelos modelos radioconcêntricos, sendo a praça o centro

⁹ A Praça de Nuremberg, Alemanha, nos mostra um exemplo de praça do mercado no século XVII, cuja função é bem definida – espaço destinado ao serviço, ao comércio, à troca e venda de mercadorias.

¹⁰ Conjunto São Marcos em Veneza, com a praça da igreja, e o Palácio Ducal também com a sua praça, por volta do século XX. Nota-se também nesta imagem a existência da majestosa torre em sua praça.

estrutural para onde convergem às ruas retilíneas”. A exemplo a cidade Palma Nuova, na Itália (figura 11), construída no ano de 1593, a essência do movimento.

Figura 11 – Palma Nuova, Itália, construída em 1593.



Fonte: MAGNUMUNDI¹¹

Desse modo, as praças renascentistas configuram-se como elementos de um conjunto arquitetônico, ao lado das quadrículas traçadas no espaço urbano e das ruas retilíneas. Conforme ilustração, (figura 12) compreende-se como era feita a composição espacial. Percebe-se a harmonia proveniente das técnicas de geometria e de perspectiva no projeto, além da monumentalidade dos edifícios. Nesse período, a praça passa a ser vista como elemento compositor da estrutura urbana, com valor simbólico e artístico, político e com poder de atuação em diversas esferas sociais.

¹¹ MAGNUMUNDI, **Palmanova a cidade estrela forte**. Disponível em: <<https://www.magnusmundi.com/palmanova-a-cidade-estrela-forte/>>. Acesso em: 21 mai. 2019

Figura 12 – A Praça Ideal na Cidade Renascentista, séc XV



Fonte: CALDEIRA, 2007.

As praças barrocas são caracterizadas pela geometrização. Grandes vias que desembocam no espaço e monumentos dispostos no centro. O que difere o Renascimento do Barroco, é que o primeiro valorizava a permanência e a imobilidade das coisas, enquanto o segundo indica uma direção, dando ideia de movimento. Assim, na composição busca-se as relações, as referências, silhuetas e conversas com a cidade nas mais diversas situações morfológicas e topográficas, promovendo as adequações necessárias ao sítio receptor da praça (PINTO, 2003).

Como exemplo, cita-se a *Praça da Concordia*, em Paris (figura 13), que não possui entorno total por edifícios para fechar sua área como de costume. Conforme pode-se observar sua composição grandiosa é limitada: ao norte pelos palácios, ao sul pelo rio Sena, a leste pela vegetação do Jardim Tulherias e a oeste pela Avenida de *la Reine* e pelos campos Elísios.

Figura 13 – Praça da Concórdia vista da torre Eiffel e fonte Jacques Hittorff

Fonte: WIKIPÉDIA¹²

As praças na segunda metade do século XVIII sofrem alteração em sua estrutura, eximindo-se de padrões geométricos e organizacionais dentro da cidade. Caldeira (2007, p. 30) aponta que “o desenvolvimento da burguesia mercantil e intelectual promove uma reestruturação no sentido da *vida pública*, a praça e a rua perdem força como símbolos de espaços públicos”. À medida em que a cidade se adensava em termos populacionais, surgiam novas redes de sociabilidade, como os parques, os bares e cafés. Locais que cresciam em detrimento do esvaziamento e enfraquecimento das praças.

Para Pereira (2008) dois fatores foram desencadeadores do processo de desvalorização da praça, o primeiro a Revolução Industrial intensificada no século XIX com a revolução tecnológica; e o segundo, já no século XX, o movimento moderno que colocava o espaço público em segundo plano. Caldeira (2007) coloca que a praça não tem o mesmo significado e importância de outras épocas e limita-se a ser um espaço vazio, fruto urbanístico da intersecção de eixos viários, por onde incessantemente os veículos passam ou estão estacionados.

Entretanto, as repercussões atuais e negativas desse modelo de planejamento têm reverberado consequências danosas ao meio ambiente, à saúde pública e a qualidade de vida na sociedade. Em contrapartida, políticas de intervenções recolocaram em evidência os espaços públicos, sendo a praça protagonista, ao resgatar atribuições antes desempenhadas na vida das pessoas, e que na contemporaneidade, em novo contexto, estão sendo reinseridas. “A praça contemporânea, a partir dessas estratégias, reafirma sua

¹² WIKIPÉDIA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_da_Conc%C3%B3rdia>. Acesso em: 22 mai. 2019

vocação de espaço coletivo, reassumindo seu papel de principal espaço da cidade” (CALDEIRA, 2007, p. 35).

No contexto brasileiro, pode-se destacar o aspecto histórico das praças, muito influenciado pela arquitetura portuguesa, com a praça emoldurada por edificações de caráter administrativo e religioso, pontuando o ambiente urbano. Assim, tornava-se um ambiente de encontro, fortemente influenciada pelos movimentos europeus. A exemplo tem-se a praça de Tiradentes em Ouro Preto – MG (figura 14).

Figura 14 – Praça de Tiradentes em Ouro Preto – MG



Fonte: D&D MUNDO AFORA¹³

Uma ruptura muito forte nesse *modus operandi* de se pensar tal espaço público surge com o modernismo. A praça adquire um caráter monumental, com grandes espaços abertos e a função de “civitas” realçada. A Praça dos Três Poderes, em Brasília (figura 15) configura-se como uma apoteose dessa visão. Percebe-se que ao invés de abrigar igrejas, este espaço público é pontuado pelas esferas de poder público que regem a sociedade, demonstrando o enfraquecimento do poder religioso no modo de idealizar o tecido urbano.

¹³ D&D Mundo a fora. Disponível em: <<https://www.dedmundoafora.com.br/2017/02/o-que-fazer-em-ouro-preto-mg-atracoes.html>> . Acesso em: 23 mai. 2019

Figura 15 – Praça dos Três Poderes em Brasília, 2006.



Fonte: CALDEIRA, 2007, p.380

O modo de urbanizar o espaço urbano, e nesse contexto a praça, tem passado por um processo de crítica aos modelos empregados, como afirma Choay (2011). Despertada por pensadores como Jacobs (2011), Gehl (2015) e tantos outros, a forma de pensar a sociedade como uma estrutura setorizada, tem dado lugar ao entendimento que cada comunidade possui uma dinâmica social distinta, demandando respostas direcionadas para aquela realidade, respeitando, sobretudo, a escala humana.

4. DIAGNÓSTICO DO BAIRRO MERCÊS EM PAÇO DO LUMIAR

A compreensão das dinâmicas sociais e culturais do bairro, bem como sua formação histórica e características socioeconômicas são elementos essenciais para o planejamento do espaço público almejado. Compreender as demandas e as necessidades da comunidade em relação ao trecho da intervenção, tornará possível a criação de um espaço público que atenda aos reais interesses dos cidadãos. Desta forma, evitando futuros espaços inutilizados por incompatibilidade de interesses do grupo.

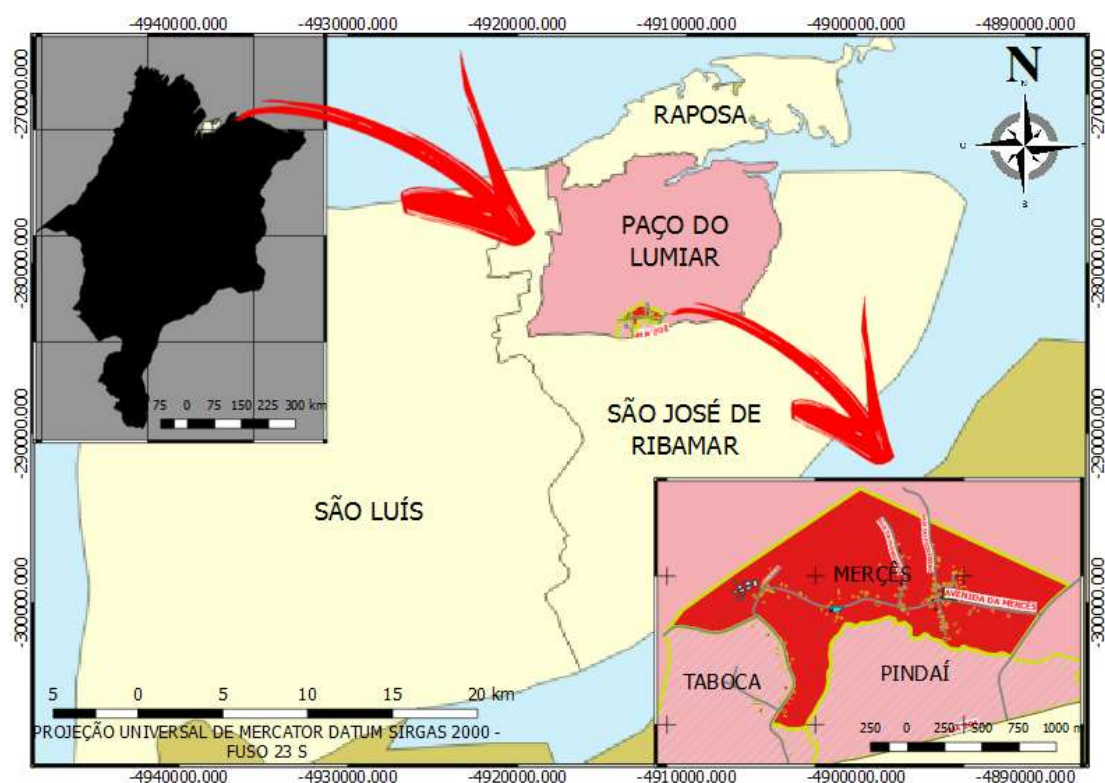
Logo, neste capítulo será apresentada a localização, o contexto histórico do município e do bairro. Por conseguinte, serão analisados, a partir de recursos metodológicos, tanto o espaço proposto para intervenção (largo da capela), quanto sua região de abrangência (delimitação do setor do IBGE) e características culturais da comunidade.

Para estabelecer uma melhor compreensão do contexto da área estudada, a presente etapa do trabalho foi conduzida por meio da conexão entre dados coletados junto aos órgãos governamentais e depoimentos de moradores antigos.

4.1. Localização e contexto histórico

O município de Paço do Lumiar, localizado no litoral Norte Maranhense, pertence à Região Metropolitana de São Luís. Possui população estimada de 122.420 habitantes, densidade demográfica de 855,84 mil habitantes/km² e uma extensão territorial de 122,828 Km², segundo Censo do IBGE em 2017. Junto com os municípios de São Luís, São José de Ribamar, Raposa, Alcântara, Rosário e Bacabeira integra a maior metrópole do estado do Maranhão, também conhecida como a Grande São Luís.

Figura 16 – Mapa de Localização de Paço do Lumiar e Mercês



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados fornecido pelo IBGE¹⁴

Mesmo com o aumento da mancha urbana de 8,54km² em 1991 para 62,8Km² em 2017 por toda a Ilha de São Luís, impulsionado por programas de habitação social, o município ainda conserva características pitorescas de sua formação. Compõem-se de extensas riquezas naturais, rios e matas ciliares, não ocupadas por atividades humanas, com características que remetem ao aspecto de “cidadezinha do interior”, sobretudo em seus povoados germinais.

No contexto histórico municipal, vale ressaltar que a região abrange um dos núcleos de colonização mais antigos da Ilha de São Luís. Enfatiza-se nesse cenário, a ocupação europeia por franceses e portugueses, conforme relato de BÓGEA; RIBEIRO; e BRITO.

“A origem do município de Paço do Lumiar remonta aos princípios do século XVII, durante a ocupação francesa no Maranhão (1612-14), quando suas terras eram habitadas pelos índios tupinambás,

¹⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Malha dos setores censitários 2010**. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/malhas_territoriais/malhas_de_setores_censitarios_divisoes_intramunicipais/censo_2010/setores_censitarios_shp/ma/>. Acesso em: 07 abr. 2019

parceiros dos franceses na tentativa de fundação da França Equinocial. Ao expulsarem os franceses, as tropas portuguesas sob o comando de Mathias de Albuquerque, iniciaram uma terrível chacina contra os índios, principalmente os tupinambás, aliados dos invasores. Durante mais de um século os índios foram chacinados por Capitães-mores, soldados e colonos desde as margens do rio Turiaçu até as águas do Parnaíba.

A ocupação da terra reconquistada deu-se com a parceria, nem sempre amigável, da coroa portuguesa com a Igreja Católica, representada pelas Ordens Religiosas. As terras que hoje pertencem ao município de Paço do Lumiar foram doadas, em 1628, à Companhia de Jesus pelo casal de colonos portugueses Pedro Dias e sua esposa, Apolônia Bustamonte. O representante da Companhia, Padre Luís Figueira, Reitor do Colégio de Nossa Senhora da Luz em São Luís, fundou nessas terras a fazenda de Anyndibá "... para o benefício das lavouras dos seus religiosos; fabricando casa, e erigindo nela os índios que tinha trazido consigo de Pernambuco...". (BÓGEA; RIBEIRO; BRITO, 2008, p.198).

Em 1760, o Marquês de Pombal ao expulsar os jesuítas de todas as possessões portuguesas, desapropriou os seus bens e elevou à categoria de vila a maioria das aldeias jesuíticas. A partir da Carta Régia de 11 de junho de 1761, o governador Joaquim de Melo e Póvoas desloca-se até a antiga aldeia de Anydibá, elevando-a à categoria de Vila do Paço do Lumiar, nome escolhido em razão de sua semelhança com localidade existente na freguesia do Lumiar em Lisboa, Portugal (BÓGEA; RIBEIRO; BRITO, 2008).

Como na Vila do Paço (antigo Anydibá) já moravam grande número de homens brancos, além dos índios e alguns escravos africanos, o governador Joaquim de Melo e Póvoas convidou-os para assistirem a solenidade de elevação à vila e "... dos mais capazes fez ele a eleição da nova Câmara, pelo que ficaram todos muito contentes, e prometeram ao governador aí fazerem casas, o que cumpriram..." (BÓGEA; RIBEIRO; BRITO, 2008).

A igreja existente no local, construída de pau a pique, estava em ruínas e o governador a fim de evitar que as telhas se perdessem, mandou que retirassem e substituíssem por cobertura de palha (PREFEITURA DE PAÇO DO LUMIAR, 1998).

Em 9 de junho de 1764 foi eregiu-se a Freguesia sob a invocação de Nossa Senhora da Luz, ficando como Matriz a antiga igreja dos jesuítas de mesmo nome. Nessa época foram demarcados os seus limites e distritos, bem como o patrimônio (BÓGEA; RIBEIRO; BRITO, 2008; MARQUES, 1970).

No século XX, Paço do Lumiar foi distrito de São Luís e posteriormente distrito de São José de Ribamar. Permanecendo por muito

tempo no isolamento e dependente. Através da Lei nº1890, de 7 de dezembro de 1959 o município tem sua emancipação e instalado em 14 de janeiro de 1961, teve como primeiro prefeito, Pedro Ferreira da Cruz. (PREFEITURA DE PAÇO DO LUMIAR, 1998).

Nesta época, segundo BÓGEA; RIBEIRO; BRITO (2008, p.198) “Vinte e dois povoados constituem o município de Paço do Lumiar. Entre estes, temos: Cururuca, Pau Deitado, Itapera, Boa Vista, Pindoba, São José dos Índios, Tendal, Mocajutuba, Olho de Porco, Maioba, Aracagi, Iguaíba e Mercês”.

O município destaca-se nacionalmente pelos sítios arqueológicos encontrados, os chamados sambaquis¹⁵, que são testemunhos da ocupação de grupos pré-históricos na região. Nesses ambientes eles caçavam, recolhiam moluscos, pescavam, preparavam alimentos, construíam moradias e enterravam seus mortos, acumulando no decorrer tempo restos alimentares que formavam os concheiros.

Atualmente, o território maranhense possui vários sítios arqueológicos descobertos, sendo o Sambaqui do Pindaí, o único a conquistar notoriedade no cenário federal a ser tombado pelo IPHAN (Instituto Nacional de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) desde o ano de 1939, conforme descrição do mesmo órgão:

“O sambaqui do Pindaí, localizado entre os quilômetros 22 e 23 da MA 201, rodovia que liga as cidades de São Luís a São José de Ribamar, é uma jazida de grande importância por ser uma das primeiras do gênero na região e pela abundância de vestígios de grupos indígenas extintos. Em 1927, foram encontrados fragmentos de cerâmica que se encontram expostos no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. O sítio foi tombado pelo IPHAN em 1939”.¹⁶

A partir dessa narrativa e significância histórica patrimonial da região, volta-se para o bairro das Mercês, vizinho do Pindaí, onde o morador Joel Cantanhede¹⁷ narra que no passado encontrou variados artefatos líticos,

¹⁵ Sambaquis são enormes montanhas erguidas em baías, praias ou na foz de grandes rios por povos que habitaram o litoral do Brasil na Pré-História. São formados principalmente por cascas de moluscos – a própria origem tupi da palavra sambaqui significa “amontoado de conchas”.

¹⁶ IPHAN. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_arque.gif&Cod=1253>. Acesso em: 04. abr. 2019.

¹⁷Joel Cantanhede Martins, 76 anos, morador do bairro da Mercês declarou que desde a

a citar machado de pedra polida, bolas de pedra e até escultura de rosto humano. Tais objetos indicam a presença de povoações indígenas no lugar em tempo pré-histórico, baseado em bibliografia inerente a pesquisas arqueológicas realizadas e documentadas em outras localidades. Reitera-se que nesta, o enfoque foi meramente no registro do achado pelo morador.

Figura 17 – Joel Cantanhede e seu acervo lítico.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Nesse contexto, realça-se a riqueza e a importância que a região carrega, com provas concretas de que anteriormente à chegada dos europeus o sítio era explorado e habitado por nativos.

No que se refere à toponímia do lugar, a escolha do nome das cidades brasileiras está intimamente ligada às características e aos temas de santos de religião dominante ou pela língua indígena (MARX, 1980).

Após entrevistas a moradores antigos do bairro, duas versões para o nome e origem do mesmo foram declaradas. A primeira que a denominação foi em função da santa e a segunda de que esta foi trazida pela já existência do nome no povoado.

adolescência encontrava esses objetos no quintal de sua casa que fica próximo a um rio e em outros pontos do bairro, enfatiza que montou o acervo exposto nesta pesquisa em função da sua paixão e curiosidade pela história.

Para o morador Elias de Jesus Pereira¹⁸, 72 anos, há uns 200 anos, as pessoas viviam no lugar sem preocupações em se organizarem enquanto civilização. As atividades desempenhadas eram basicamente de subsistência: a pesca, a caça e a roça.

Viviam isolados, não se registravam em cartórios, não possuíam qualquer preocupação civil. Tinham como distração as festividades religiosas que ocorriam na sede do município, Vila do Paço. Ressalta-se que nesse período os deslocamentos eram feitos a pé e a carro de boi, o que era extremamente cansativo para os fiéis do bairro, uma vez que este localizava-se a cerca de 3 Km da Sede.

Nesta época, chega no lugar um português que se afeiçoou pelo território e pelas pessoas e ao questioná-las sobre onde estava, percebe não haver nome para a localidade. Inquieto com tal fato, encomenda três imagens de sua terra natal, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora da Vitória e São Sebastião.

Tabela 1 – Dimensões das imagens religiosas.

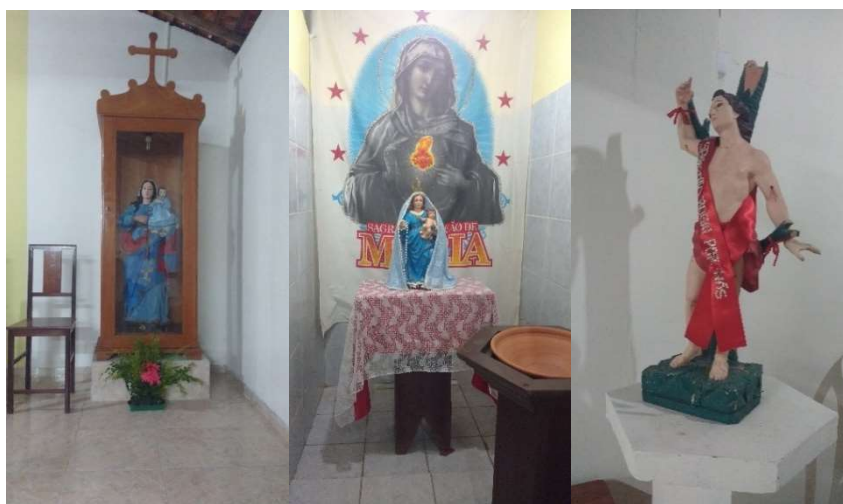
IDENTIFICAÇÃO	MATERIAL / TÉCNICA	DIMENSÕES (CM)		
		ALT.	LAR.	PROF.
NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	MADEIRA; ENTALHE; POLICROMIA	122	54	30
NOSSA SENHORA DA VITÓRIA	MADEIRA; ENTALHE; POLICROMIA	49	25	16
SÃO SEBASTIÃO	MADEIRA; ENTALHE; POLICROMIA	85	43	24

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados IPHAN.

Vindas de Portugal através de navio no porto da Praia Grande, são transportadas até a localidade por meio de carro de boi. Após a chegada dos santos, foi escolhido o nome de Mercês para o bairro, em função da imponência da imagem que se destacava pelo tamanho e beleza.

¹⁸ O entrevistado declarou que a história declarada nesta pesquisa foi contada por seu avô, Miguel Aragão, e que data de um período de aproximadamente 200 anos atrás, portanto sem data específica.

Figura 18 – Nossa Senhora das Mercês / Nossa Senhora da Vitória / São Sebastião.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Adiante, a versão que consta no Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados e enfatizada por relatos de outros moradores:

Segundo moradores, as imagens foram trazidas até o povoado por um senhor, chamado Bernadinho, que as recebera de um indivíduo que viera em navio de Portugal, desembarcado na Praia Grande, que estavam devidamente identificadas. O novo detentor confirma em relato que andou toda a Praia Grande oferecendo e ao chegar no Mercado Central e anunciar que precisava fazer as doações da imagem, um vendedor de verduras de nome Nestor disse que deveria buscar por uma senhora de nome Helena no povoado Mercês em Paço do Lumiar. Para chegar ao lugar, o mesmo declarou que caminhou dois dias deixando enfim as imagens com Helena.

No mês de novembro de 1895 por meio de esmolas e donativos, os fiéis construíram uma pequena capela, a qual dedicaram a São Sebastião, ela foi construída em terreno aforado a Helena da Costa Neves (BÓGEA; RIBEIRO; BRITO, 2008).

Em 13 de dezembro de 1895, o Bispo Diocesano, D. Antônio Candido Alvarenga nomeou uma comissão composta Raimundo da Costa Neves, Geminiano da Costa Neves e José Gomes da Silva Lisboa para zelarem pela capela e nomeou na mesma ocasião a Nossa Senhora das Mercês como padroeira da comunidade (BÓGEA; RIBEIRO; BRITO, 2008).

Nas duas versões, a primeira capela foi construída por moradores, muito resilientes, que utilizaram a técnica da taipa - composição de ripas de

juçareiras e barro - com cobertura em palha. Sua fachada principal e cruzeiro eram voltados para a antiga rua que se passava em sentido oposto à atual, conforme ilustração abaixo:

Figura 19 – Traçado viário existente na época de construção da 1ª capela em taipa.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Devido a técnica construtiva não possuir o cuidado na base e a cobertura adequada, esta teve limitações cronológicas, e a edificação infelizmente desabou. Novamente, os santos foram abrigados em residências dos moradores.

Após esse incidente, as celebrações religiosas eram realizadas debaixo de árvores nas residências dos moradores. Foi providenciada a construção de uma segunda capela em adobe, técnica construtiva que utiliza blocos de barro cru, conforme relato do morador:

“Quando construíram a segunda capela foi em adobe. Eu tinha uns 14 anos na época sou de 42, foi em 1956. Então a comunidade se reuniu, fizeram os adobes tudinho e falaram com o pedreiro e todos ajudaram a construir. Ela foi feita no mesmo lugar da atual, mudaram o posicionamento por causa da erosão que estava desfazendo a rua antiga. A cobertura era de telha de barro com ripas de juçareiras. Mas o adobe assim como a taipa não durou muito e a capela caiu de novo.” (Joel Cantanhede, 76 anos, morador do bairro Mercês, 2019).

A capela sucessora demorou para ser erguida, uma vez que a comunidade não dispunha de recursos financeiros para o feito. A solução foi arrecadar, por um longo período, doações de moradores e políticos. A construção em tijolos cerâmicos foi erguida no ano de 1977.

As imagens, que são de madeira entalhada, após desgastes em virtude do tempo, foram recuperadas em São José de Ribamar. Segundo a moradora Maria dos Remédios da Silva, 73 anos, “a santa, mandaram [sic] reformar em Ribamar e ela veio em procissão do Maracajá ou do Pindaí para igreja foi no dia 28 de outubro de 1979.”

Em 1991, a capela foi desligada do município de São José de Ribamar, passando a ser de competência da Paróquia Sagrada Família no Maiobão. Sob nova direção, criaram o grupo da legião de Maria, apostolado da oração; a catequese e o festejo foram reorganizados.

4.2. A Capela Nossa Senhora das Mercês

Com endereço na Rua Principal, s/n, Mercês – Paço do Lumiar, e de propriedade da Arquidiocese de São Luís, a capela Nossa Senhora das Mercês está registrada no Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados, nº MA/99 – 0042, sob organização do Ministério da Cultura e do IPHAN no ano de 1999. Para tanto, não possui tombamento em nenhuma jurisdição, e, portanto, isenta de proteção legal.

Figura 20 – Capela Nossa Senhora das Mercês em 1999.



Fonte: MINC/IPHAN, 1999.

Nesse período de 20 anos percebe-se alterações provenientes de sutis reformas, com leve descaracterização da fachada frontal, a citar a omissão dos pináculos e alinhamento do frontão curvilíneo às pilastras laterais.

Figura 21 – Capela Nossa Senhora das Mercês em 2019.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

As adequações arquitetônicas em planta baixa refletem as necessidades dos fiéis ao longo do período. Para tanto, percebe-se a inexistência de um projeto para as modificações, uma vez que os ambientes não dispõem de uma ergonomia e ventilação necessárias.

Figura 22 – Planta baixa da capela a esquerda em 1999 e a direita em 2019.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O espaço da capela transcende uma simples análise morfológica, sendo o sagrado e o profano apreendido por muitos como elemento impulsionador das relações sociais e de vizinhança na localidade.

Ao longo das entrevistas, muitos mencionaram a significância do espaço, estando intimamente interligado com a própria formação e evolução da comunidade. Somam-se as especificidades religiosas, responsáveis pela comunhão e interação entre os indivíduos.

4.5.1. Festejos religiosos

O espaço do largo no passado era palco de grandes eventos. Os festejos tradicionais, que se misturavam aos bailes dançantes, com construções de diversos botequins¹⁹ para venda de comida típica e bebidas. Na época tinha um raio de abrangência que extrapolava a escala bairro, atraía outras comunidades para ocupação do espaço, como lembra o morador a seguir:

“Eu era pequeno com idade de uns 5 anos mais ou menos que desde ali onde era a mangueira que cortaram agora até lá onde era a igreja que hoje é na frente do hospital, era só botequim de um lado e do outro, tinha uns 30 a 40 sabe porquê? Vinha gente de todos os lugares. Nesse tempo a festa era igual a de Ribamar, vinha gente de Iguaiá, Mojó, Maioba, Batuba... Hoje? Só fazem um botequim” (Elias de Jesus Pereira, 72 anos, morador do bairro, 2019).

Atualmente, existe um calendário litúrgico seguido à risca pelos fiéis, de modo que todas as faixas etárias e gêneros são trabalhados na organização religiosa. Há missas, batizados, festejos no mês de maio e novembro, catequese aos sábados, grupo de oração de homens e de mulheres em dias específicos da semana. Fato que denota a ocupação do espaço pelos fiéis de maneira rotineira.

Destaca-se os eventos promovidos pela igreja e que reforça essa apropriação por parte da comunidade, como exemplo tem-se a encenação da paixão de Cristo (figura 23), teatro protagonizado por crianças do bairro.

¹⁹ Segundo moradores, essas pequenas edificações comerciais provisórias eram feitas de uma armação de madeira nativa com vedação e cobertura em palha, exclusivamente para as festividades.

Figura 23 – Encenação da Paixão de Cristo no largo da capela.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O mês de maio, conhecido no catolicismo como mês de Maria e das noivas, é todo dedicado à devoções a estas. Seguindo com assiduidade uma programação, os religiosos partem toda noite para ladainha nas residências dos moradores escolhidos. E em pequenas procissões direcionam-se até a próxima residência com objetivo de deixar a santa, fato que se repete até a finalização do ciclo.

Figura 24 – Pequena procissão na Avenida.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 25 – Recepção da Santa em residência.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O festejo (figura 26) que ocorre no mês de novembro em louvor a Nossa Senhora das Mercês, caracteriza-se por uma grande procissão que percorre as ruas do bairro, realização de missas de acolhimento a outras comunidades, batizados e crismas.

Figura 26 – Procissão e festejo Nossa Senhora das Mercês, 2018.



Fonte: Maria N S das Mercês.²⁰

4.5.2. O signo e significado da mangueira para os moradores

Em meio a importância religiosa do espaço, destaca-se o signo e o significado que a mangueira centenária retirada do largo representava para a comunidade. Fato evidenciado e devidamente registrado pelos moradores em rede social.

²⁰ MERCÊS, Maria N S das. **Festejo de Nossa Senhora das Mercês - 2018**. Paço do Lumiar, 03 dez. 2018. Facebook: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=741628049531772&set=pcb.741628746198369&type=3&theater>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

Figura 27 – Postagem em rede social sobre retirada da árvore.



Fonte: Elizete Martins, 2018.²¹

Além disso, vale esclarecer que foi o comportamento contemporâneo de reivindicação com a utilização da tecnologia que motivou a pesquisa em curso.

A alteração do espaço, com a retirada do elemento natural, provocou nos moradores uma série de sentimentos de estranheza e reivindicação por um espaço público que melhor viesse a atender a

²¹ MARTINS, Elizete. **Pra nós ainda será um ambiente meio estranho, mas houve uma necessidade.** Paço do Lumiar, 19 ago. 2018. Facebook. Disponível em: <<https://web.facebook.com/photo.php?fbid=1043062152533631&set=a.205446599628528&typ e=3&theater>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

comunidade. Com a postagem da moradora sobre o evento em sua página do Facebook (figura 27), os demais moradores começaram a deixar suas memórias fluírem por meio de comentários, expressando sentimentos de respeito, saudade e fatos que marcaram suas vidas.

Para Lynch (1997, p.1), “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados”. O autor reforça que a construção da imagem requer a identificação de um objeto, a relação espacial ou pragmática deste com o observador, bem como seu significado seja prático ou emocional. A partir disso, coloca-se que a retirada da árvore suscitou nos moradores todos esses aspectos definidos pelo autor.

Assim sendo o símbolo e o significado que a mangueira representava estava além de uma mera composição paisagística do espaço público. Representava um ponto de encontro e convergência de memórias individuais e coletivas, revestidas de um sentido de pertencimento por parte dos cidadãos.

4.3. A comunidade e suas manifestações culturais

O dicionário Michaelis (on-line)²², define comunidade como “população que vive em determinado local ou região, ligada por interesses comuns”. Segundo Mocelin (2011, p. 106), “[...] a palavra comunidade sugere uma forma de relacionamento caracterizada por altos graus de intimidade, vínculos emocionais, comprometimento moral e coesão social; e não se trata apenas de um vínculo passageiro”. Para Jacobs (2011, p.130) “um dos maiores trunfos de uma cidade, se não o maior é formar comunidades com interesses comuns”.

Desse modo, as relações que envolvem a comunidade compreendem variedade de fatores, cabendo neste tópico enfatizar o caráter cultural vinculado ao longo do tempo. Destacam-se as manifestações culturais no cotidiano e vida do bairro como processos dinâmicos de contribuição para as relações sociais e a apropriação do ambiente urbano, que, por conseguinte

²² MICHAELLIS. **Dicionário Brasileiro de língua portuguesa**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/comunidade/>>. Acesso em: 05 mai. 2019

está imbuído de valores simbólicos e representatividades. À vista disso, Queiroga aponta que:

“Os lugares públicos de maior expressão simbólica são os preferidos para as manifestações políticas em sentido estrito, bem como as grandes comemorações sejam elas festas religiosas, de passagem de ano, conquistas eleitorais ou de campeonato de futebol” (QUEIROGA 2017, p. 121).

Assim, para compreensão das relações na escala de vizinhança e de bairro existente no local de estudo, segue alguns exemplos do contexto de festas e expressões culturais em que os moradores estão envolvidos.

O dia 1 de janeiro de cada ano, inicia-se com um grande torneio, evento tradicional de disputa de times de futebol, comemorado com muita festa por todos no bairro das Mercês. Com o intuito de promover o encontro e a confraternização entre os moradores e comunidades vizinhas no início de cada ciclo anual.

Figura 28 – Comunidade no torneio Ypiranga em Mercês.



Fonte: Dilza Martins, 2019.²³

Curiosamente o primeiro time de futebol das Mercês surgiu no largo da capela, batizado de 7 de setembro, em data não registrada. Na época, situado ao lado da edificação religiosa em taipa, os moradores se juntavam para jogar no campo simples e com traves de juçareiras. Com o passar dos

²³ MARTINS, Dilza. “ ”. Paço do Lumiar, 03 jan. 2019. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=277357882892075&set=pcb.277357989558731&type=3&theater>>. Acesso em: 06 mar. 2019.

anos, o espaço não suportou a quantidade de jogadores. Então resolveram buscar novo terreno para implantação do mesmo, situado na atual Rua do Campo.

Neste período, formalizou-se a diretoria e alterou-se o nome do time que passou a se chamar Ypiranga no ano de 1952, mesma época em que data o primeiro torneio. Quanto a mudança de designação do time, o morador relata a seguir:

“Como se deu esse nome de Ypiranga? O maestro, na época Deco, andando pela cidade viu o nome Ypiranga no para-choque de um caminhão. Aí ele gostou muito e mudou o nome do time para Ypiranga, isso em 1952. A partir daí criaram o torneio que virou tradição até nos dias atuais” (João do Nascimento, 58 anos, morador e organizador do time, 2019).

O evento mobiliza todas as localidades vizinhas, para a competição com equipes de Paço do Lumiar, Ribamar, Raposa e Centro. Segundo Raimundo Nonato, presidente do time, houve ano em que se tinham 30 times na competição, ou seja, um evento de relevância social, que atrai para o bairro muitos visitantes, e evidentemente contribui para a economia local.

Figura 29 – Time de futebol das Mercês.



Fonte: Loyane Cantanhede, 2019.²⁴

²⁴ CANTANHEDE, Loyane. Paço do Lumiar, 02 jan. 2019. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1118476721644631&set=pcb.1118486901643613&type=3&theater>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

Outra manifestação que mobiliza o bairro é o bloco de carnaval “Os Rebarbados”. Criado em 2009, faz parte do calendário de festas da comunidade. Segundo João do Nascimento, surgiu na Rua da Mangueira em frente ao comércio do Sr. Joel, a partir de uma reunião entre amigos que ao cantarem músicas batendo em latas e na palma da mão, decidiram então criar a brincadeira carnavalesca.

Figura 30 – Bloco "Os Rebarbados" em Mercês.



Fonte: Elizete Martins, 2019.²⁵

O grupo de amigos ocupa as principais ruas do bairro, e tem poder de atrair mais indivíduos ao longo de seu percurso para então seguir para bailes carnavalescos adjacentes.

Em períodos juninos, a mobilização volta-se para a organização da quadrilha para as crianças, o arraial da Rua da Mangueira e a vinda Boi do Maracanã²⁶ para breve apresentação no largo da capela e posterior parada em frente ao comércio do morador Lauro Garcês.

Segundo a moradora Lurdinalva Garcês de 36 anos (2019), há 20 anos o falecido Humberto, idealizador da brincadeira, passou pela comunidade e convidou os moradores a acompanharem o batalhão do Maracanã até o

²⁵ MARTINS, Elizete. **Na folia de 2019 foi o #BlocoOsRebarbados que comandou o arrastão. - em Mercês - Paço Do Lumiar - MA.** Paço do Lumiar, 07 mar. 2019. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1173193119520533&set=pcb.1571855192958521&type=3&theater>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

²⁶ O Bumba meu Boi do Maracanã configura-se com um dos maiores e mais antigos grupos do estado do Maranhão, com mais de 100 anos leva centenas de integrantes as ruas e arraiais da Grande Ilha de São Luís.

tradicional Lava-Bois em São José de Ribamar, evento que reúne os grupos de bumba-boi e encerra as festividades na Ilha de São Luís. Desde então, iniciou amizade com Lauro Garcês, pai da entrevistada, vindo categoricamente nos anos subsequentes. Mantendo um ritual de ir antes na capela do bairro como forma de agradecimento e respeito a divindade e posterior parada em frente à residência do amigo.

Após, seguem de ônibus, vans e afins para o tão esperado evento que acontece na cidade vizinha, onde os maiores grupos de Bumba meu Boi se encontram para o encerramento das festividades.

Figura 31 – Humberto Maracanã na Capela Nossa Senhora das Mercês.



Fonte: Elizete Martins, 2014.²⁷

Figura 32 – Boi do Maracanã no largo da capela.



Fonte: Elizete Martins, 2014.²⁸

Ainda no período junino, o arraial da Rua da Mangueira criado em

²⁷ MARTINS, Elizete. **Batalhão de ouro do Maracanã dando show na Mercês**. Paço do Lumiar, 06 jul. 2014. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=308575679315619&set=pcb.308576145982239&ty=pe=3&theater>>. Acesso em: 06 mai. 2019

²⁸ Ibidem.

2000, reúne brincadeiras tradicionais como danças portuguesas, ciganas, cacuriá, grupos de bumba meu boi, com o intuito de promover entretenimento, disseminação e valorização da cultura no bairro.

Figura 33 – Arraial Rua da Mangueira.



Fonte: Arraial Mangueira, 2017.²⁹

Portanto, os aspectos culturais das práticas e representações sociais do ambiente citadino são reflexos das relações estabelecidas entre sociedade e cultura ao longo dos anos na formação do bairro.

4.4. Características socioeconômicas

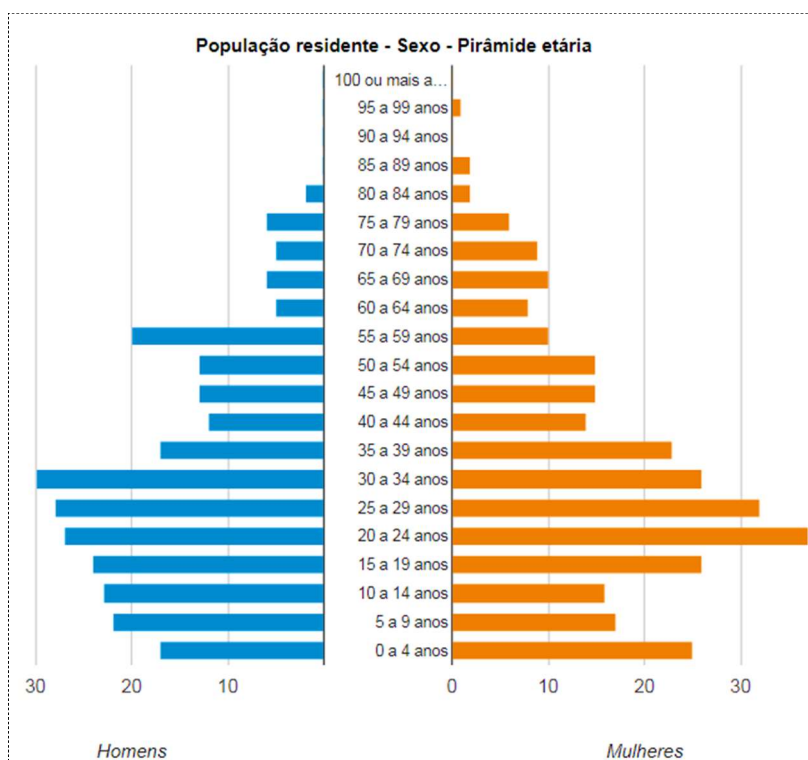
O modo de vida da população influencia a forma como usufruem o espaço público, sendo este definido por variáveis de livre escolha como preferências estéticas, artísticas e religiosas, mas principalmente por fatores condicionantes como renda, escolaridade e faixa etária (SILVA, 2009).

²⁹ MANGUEIRA, Arraial. **A festa que animou a Mercês!**. Paço do Lumiar, 07 jul. 2017. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1117524628391582&set=pcb.1117525571724821&type=3&theater>>. Acesso em: 07 mai. 2019.

De acordo com o censo do IBGE 2010, a área delimitada pelo estudo é designada aglomerado rural isolado – povoado, possui 564 habitantes sendo que destes 294 são mulheres e 270 são homens.

Ao observar a estrutura etária (gráfico 1), constata-se que a maior concentração de indivíduos compreende um universo de crianças, jovens e adultos, evidenciando que estes grupos estão em supremacia em relação aos idosos.

Gráfico 1 – Pirâmide etária do bairro das Mercês.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010³⁰

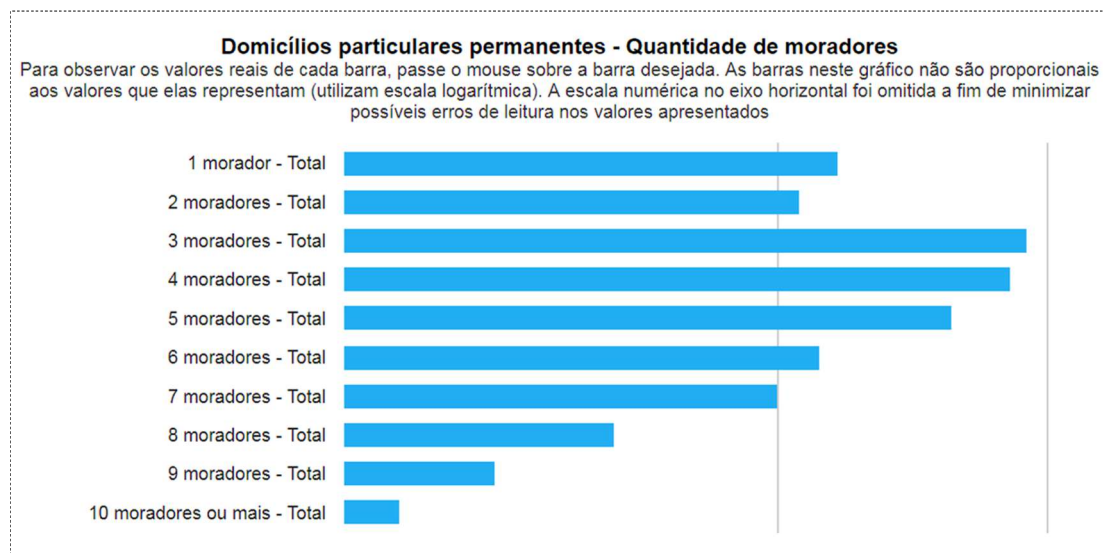
O órgão censitário divulga que no setor foram levantados 133 domicílios particulares permanentes ou pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes. Ressalta-se que tal quantificação é equivalente ao ano de 2010 e o número de domicílios na atualidade supera o divulgado.

A partir dessas duas premissas, tem-se a média de número de moradores em domicílios particulares permanentes no bairro, no percentual

³⁰ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/painel/tooltip/dashboard.html?USO=4&CurPESQ=1003&CurPE SQnm=CckcnsnmllplDckcmnmgr%C3%A11fhjhcmm&CurTEMA=138&CurTEMAnm=Cfgfrfg fctckcr%C3%ADsthjhcfgfslplgckcrfgfhjhs&SITEag=210750605000008>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

4,24 pessoas por domicílio. Infere-se que nas casas convivem até três gerações, fato observado *in loco* no ato da aplicação dos questionários. Perfil de morar que favorece as relações interpessoais e de vizinhança.

Gráfico 2 – Quantidades de moradores por domicílios.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.³¹

O valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes (com rendimento) no setor é de R\$ 718,1. Segundo o IBGE (2010), a habitação e alimentação respondem por 70% da despesa da classe mais baixa. O que pode ser um inviabilizador do lazer para os moradores, tendo em vista o recurso mínimo para famílias tão adensadas.

A fim de compreender o cenário econômico do bairro relacionando ao contexto histórico de desenvolvimento, o morador e ex-agricultor, João do Nascimento, esclarece que:

“Nas décadas de 30 a 50, a nossa comunidade vivia exclusivamente da pesca e da lavoura, sem muita expectativa de crescimento, as residências eram todas de taipa. A partir dos anos 60, com a chegada da colônia de Japoneses, a comunidade deu uma levantada, porque trouxeram a cultura do plantio e a mão de obra para os moradores” (João do Nascimento, 53 anos, morador e ex-agricultor, 2019).

A colônia de japoneses chega ao bairro e impacta a região, interferindo na forma de pensar e na economia dos moradores com a oferta de

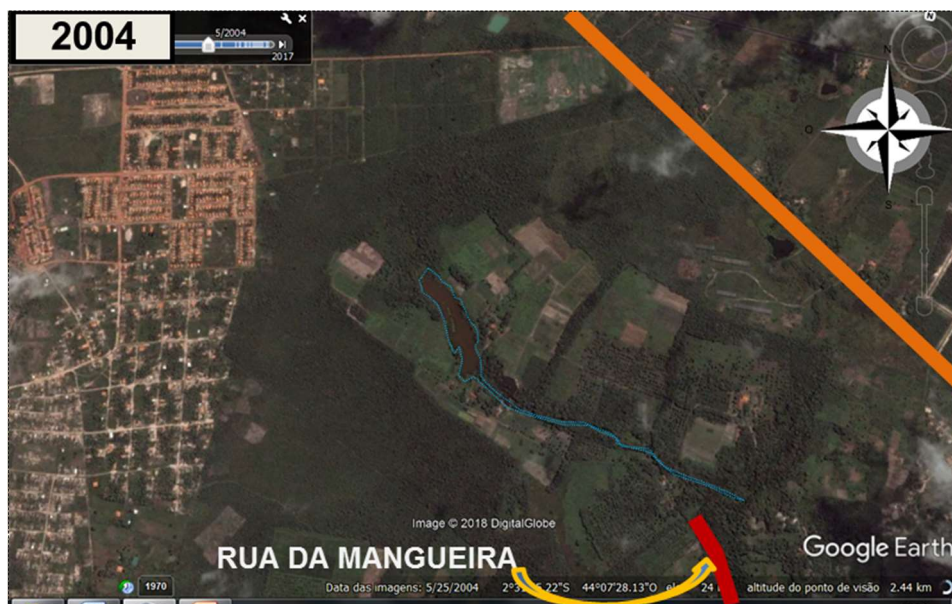
³¹ Ibidem.

empregos. Posteriormente, os funcionários começam a desenvolver suas próprias áreas de produção agrícola no quintal de suas casas ou em terrenos destinados a este fim. Ainda para o morador supracitado, “a questão da agricultura foi tão forte que até o ano 2004 se expandiu muito. Em 2010, existiam 66 famílias de agricultores do bairro registradas. Hoje em 2019, infelizmente só tem umas 20 famílias.”

“A Cidade Verde veio e acabou com os nossos rios, construíram em cima da nascente do Rio das Mercês e a nossa agricultura teve que ir junto. Porque no momento em que eles acabaram com as nossas nascentes, nós tivemos que ir juntos. A agricultura depende muito de terra e água e essas duas coisas infelizmente ficamos sem. Então sem essas duas coisas viemos enfraquecendo. Tivemos que migrar para outras coisas, por causa da falta de terra e água, porque chegou junto com isso o desenvolvimento, o progresso” (João do Nascimento, 53 anos, morador e ex-agricultor).

Em relação à supressão da nascente do rio mencionada pelo entrevistado, em uma breve análise comparativa por imagens, observa-se que no ano de 2004 (figura 34) existia uma nascente e que em 2017 (figura 35) foi surpreendida pelo empreendimento Cidade Verde.

Figura 34 – Mapa com Rio das Mercês em 2004.



Fonte: Google Earth com edições da autora.³²

Figura 35 – Mapa com implantação do Condomínio Cidade Verde em 2017



Fonte: Google Earth com edições da autora.³³

O efeito da ação antrópica nas proximidades das matas ciliares, através da implantação de condomínios, tem suscitado desequilíbrio ambiental extremo na região. No verão o volume de água baixa consideravelmente. Já no período chuvoso tem ocorrido frequentes enchentes dos rios, que transbordam e chegam até as ruas.

³² EARTH, Google. Disponível em: <<https://earth.google.com/web/>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

³³ Ibidem.

Nas duas situações o agricultor sofre por não haver mais a estabilidade dos recursos que no passado recente lhe proporcionava condições para manter sua produção e ganhos econômicos. Conseqüentemente, este involuntariamente perde sua fonte de renda.

Figura 36 – Enchente no rio das Mercês



Fonte: Arraial Manguueira, 2019.³⁴

4.5. Mapas de análise do bairro

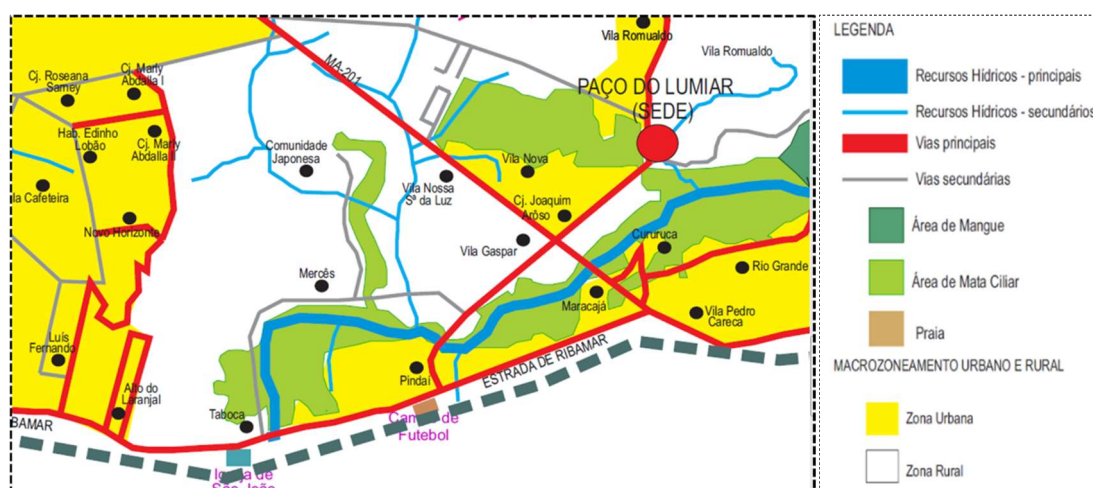
De acordo com o Plano Diretor da cidade de Paço do Lumiar, lei nº 335/2006 vigente desde 2006, em seu anexo I que trata sobre o mapa de Macrozoneamento Urbano e Rural (figura 38), o bairro das Mercês está situado na Zona Rural do Município, a cerca de 3 Km da Sede (núcleo germinal). Pela definição no art. 35, na referida Lei:

“Art. 35 – A Zona Rural do Município é composta por áreas de uso agrícola, florestal ou pecuário, áreas com outros usos como chácaras de recreio, lazer, turismo, comércio e indústria e áreas cobertas por vegetação natural, compreendendo unidades de conservação da natureza, áreas de preservação permanente e reservas legais das propriedades”.

Desta maneira, a região é composta por rios, plantações agrícolas, mata ciliar – árvores nativas e juçarais – definidores de grandes vazios oriundo da forma geográfica. Evidencia-se o traçado viário orgânico e o afastamento entre as edificações como elementos preponderantes neste estudo.

³⁴ MANGUEIRA, Arraial. **Rios que transbordam com as fortes chuvas. 23 e 24/03/19.** Paço do Lumiar, 01 abr. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top/?q=arraial%20manguueira&ep_a=SEARCH_BOX>. Acesso em: 08 mai. 2019.

Figura 37 – Trecho do Mapa de Macrozoneamento Urbano e Rural.



Fonte: Prefeitura de Paço do Lumiar, 2006.

De acordo com o supracitado mapa disponibilizado pela Prefeitura do Município, observa-se que inexistem delimitações espaciais para os bairros. A indicação da localidade é feita por meio de um ponto, ignorando o georreferenciamento obrigatório em cartas geográficas. Conseqüentemente, causa uma dificuldade para interpretação de profissionais técnicos e estudos relacionados.

Sendo assim, para fins de demarcação do trecho de estudo será utilizado o levantamento censitário do IBGE (2010)³⁵ no caso o Setor 210750605000008, que se refere ao bairro Mercês.

Pelo fato de a composição do espaço de estudo dispor de muitas áreas livres (mata ciliares e terrenos vazios) inclusive entre residências, o entorno delimitado para a intervenção será todo o setor. Haja vista que este também coincide com o raio de influência das atividades religiosas da comunidade.

4.5.1. Mapa das vias

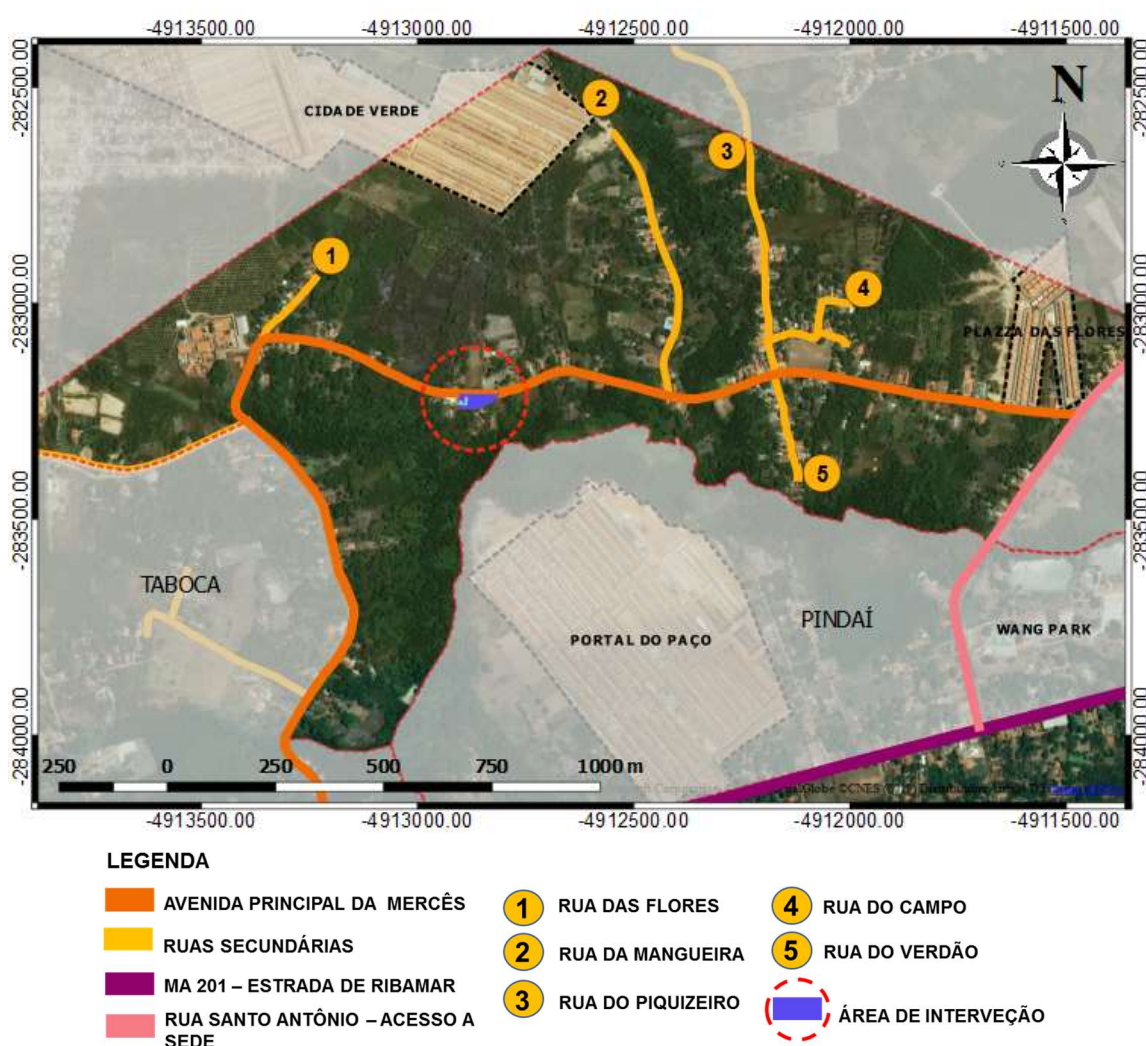
Com base no mapa das vias (figura 38), verifica-se que o traçado viário remete a estrutura orgânica e irregular proveniente do processo de

³⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Malha dos setores censitários 2010**. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/malhas_territoriais/malhas_de_setores_censitarios_divisoes_intramunicipais/censo_2010/setores_censitarios_shp/ma/>. Acesso em: 07 abr. 2019

ocupação espontânea e histórica da localidade. A forma das vias (Rua da Mangueira, Rua do Pequizeiro e Avenida Principal) segue o curso dos rios, característica que reitera a presença de povoações muito antigas no território.

O próprio nome dos logradouros foi dado em função da abundância dos elementos que compunham o sítio no ato de seu batismo, a citar Rua do Pequizeiro, Rua da Mangueira, Rua do Verdão e Rua do Campo. Assim, as denominações remetem as aparências dominantes na época de formalização do ambiente citadino.

Figura 38 – Mapa das vias.



Fonte: Google Maps com edições da autora, 2019.

A Avenida Principal das Mercês (figura 39) e a Rua da Mangueira são as únicas que possuem asfalto, embora já apresentem problemas como frequente obstrução do fluxo livre (buracos) e ausência de calçadas. A

primeira percorre todo o bairro e possui entrada e/ou saída na MA 201 e Ruas Santo Antônio (que dá acesso a Sede do Município de Paço do Lumiar). Portanto, detentora do maior fluxo de veículos do bairro e também onde se localiza o largo da capela, área de intervenção. Nela também passa a única linha de ônibus, Mercês – Terminal Cohab.

Figura 39 – Rua do Campo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 40 – Av. Principal e Rua da Mangueira.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

As demais ruas apresentam problemas de infraestrutura generalizado provenientes da própria ausência de pavimentação. Quanto às dimensões destas, observa-se que não apresentam grandes distâncias. A menor possui tamanho aproximado de 200 metros e a maior menos de 1 quilômetro, aspecto que contribui com a relação de vizinhança observada.

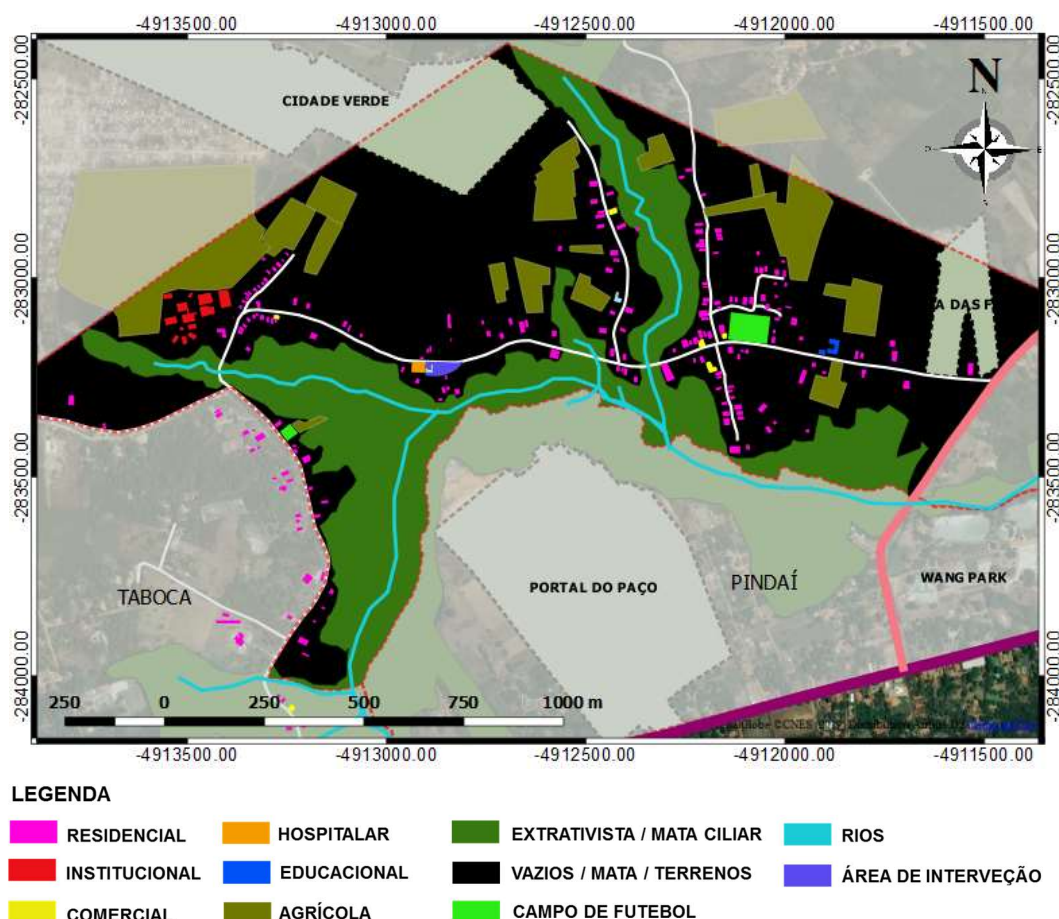
4.5.2. Mapa de usos

Mapear e identificar o tipo de ocupação do solo no entorno é essencial para que haja integração do projeto com as adjacências. Segundo Leitão (2013, p. 33) “áreas marcadamente residenciais indicam que a função da praça pode ser o caminhar ou o estar”. Logo, implicará em projetos que prezem pela incorporação de elementos que desempenhem tal especificidade, como áreas para exercícios físicos, caminhada e bancos de longa permanência.

No mapa de usos (figura 41) observa-se que o residencial predomina na região, com habitações unifamiliares. Quanto à forma e

implantação das casas, observa-se um afastamento frontal significativo em relação à rua, em alguns pontos. Pressupõe que tal fato retrata um período de ocupação que privilegiava um jardim na frente ou modo semelhante de implantação das edificações. Como inexistem diretrizes projetuais para o trecho, até a contemporaneidade as construções independem de regras.

Figura 41 – Mapa de usos.



Fonte: Google Maps com edições da autora, 2019.

Adiante, identificou-se o uso comercial ao longo do bairro, constituído por cinco pontos que vendem gêneros alimentícios e higiene pessoal básica. Possui uma escola de educação infantil, UEB Paulo Freire (figura 43). Ainda duas igrejas, a católica Nossa Senhora das Mercês e a evangélica Assembleia de Deus. De uso institucional, foi localizado uma unidade de ressocialização de apenados APAC - Associação de Proteção e Assistência aos Condenados. E como hospitalar, uma Unidade Básica Saúde das Mercês localizada no entorno do largo, da capela, local de intervenção.

Figura 42 – UEB Paulo Freire.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 43 – Unidade Básica de Saúde Mercês.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Vale destacar a presença da mata ciliar, composta por rios, terrenos alagadiços e árvore da juçara. Além da função de proteção ao ambiente natural, funciona como importante fonte de renda para alguns moradores que desempenham atividade extrativista, notadamente, a colheita de juçara na época da safra do fruto. Essas áreas constituem espaço impróprio para construções.

Figura 44 – Mata ciliar e vegetação nativa na adjacência da Avenida Principal das Mercês.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

As áreas de rios no passado foram alvo de cobiça para o turismo, atraindo para o local pessoas que vinham de longe para diversão e lazer no bairro. Até mesmo os moradores relataram que usufruíam das águas para atividades de higiene diária, como banho, lavagem de utensílios e até consumo. Porém, na atualidade a diminuição do fluxo fluvial alterou essa

dinâmica. Ainda assim em épocas de cheias dos rios, as crianças (figura 46) se divertem e criam seu próprio entretenimento.

Figura 45 – Crianças banhando em rio das Mercês.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

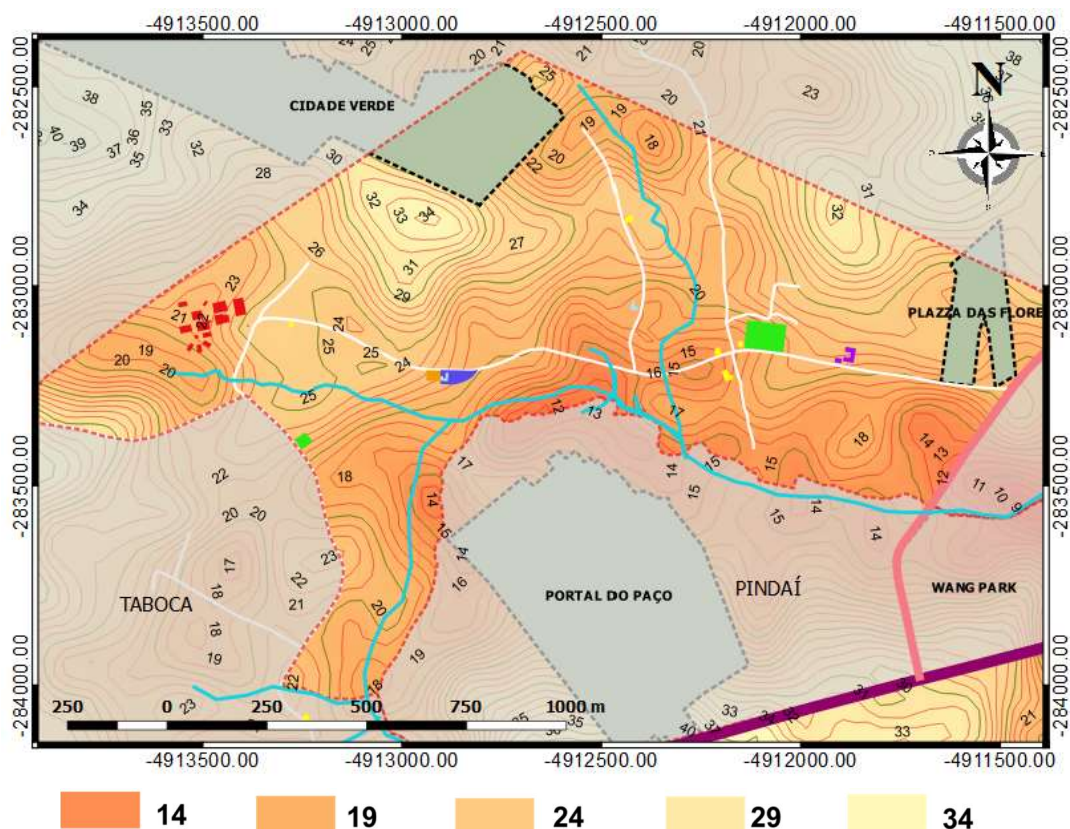
Outro uso identificado no mapa é o agrícola, que consiste nas plantações e cultivo de hortaliças e frutos utilizados tanto para linhas de subsistência quanto para comercialização. O escoamento da produção é feito para feiras espalhadas por toda Iha de São Luís, a citar a do Maiobão, Bequimão e João Paulo.

Vale ressaltar que a atividade agrícola diminuiu consideravelmente no bairro, conforme relato expresso por morador no subcapítulo que trata de características socioeconômicas. À vista disso, percebe-se a relação da comunidade com o meio natural e o uso majoritário residencial. Tais aspectos adquirem extrema relevância ao se pensar na intervenção e no modo de vida das pessoas.

4.5.3. Mapa hipsométrico

A análise hipsométrica propicia compreensão do comportamento do relevo local, evidenciando sobretudo como ocorre o escoamento das águas pluviais. Constata-se que a altitude das Mercês está entre 12m e 34m, sendo que nas cotas mais baixas estão situados os rios, córregos, e nas mais elevadas encontram-se as edificações. Fato que denota um equilíbrio entre ocupação humana e o meio ambiente. Há uma permeabilidade significativa na região provocada pelos espaços livres existente.

Figura 46 – Mapa hipsométrico.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados fornecido pelo INPE³⁶

O largo da capela está situado numa superfície significativamente suave com altitude entre 20 m e 22 m, dando a impressão visual até de planitude. Consequentemente, o projeto de intervenção preservará essas curvas de nível, entendendo que são essenciais para a condução das águas para o adjacente riacho.

Desse modo, a compreensão da altitude do solo e os caminhos de escoamento das águas das chuvas, permitem um direcionamento projetual em harmonia com o meio geográfico. Evita-se também que sejam incorporados materiais de pavimento incompatível.

4.6. Diagnóstico do largo da capela

A abordagem nesse subcapítulo se direcionará às análises e ao

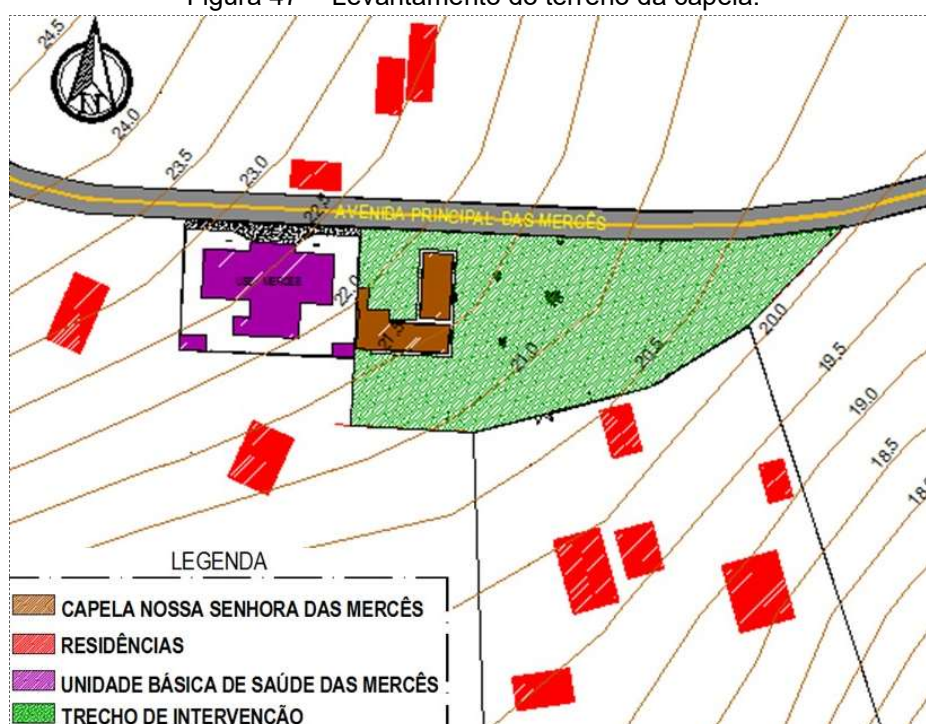
³⁶ INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. **Topodata**: Banco de Dados Geomorfométricos do Brasil. Disponível em: <<http://www.webmapit.com.br/inpe/topodata/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

diagnóstico técnico do espaço de intervenção, o largo da capela.

Por conseguinte, tem-se a demarcação da área em verde com aproximadamente 2.605,57 m². Vale ressaltar que todo o largo é de propriedade da arquidiocese.

O entorno imediato é formado por residências, a capela e a Unidade Básica de Saúde das Mercês. Ainda não-inaugurada, pressupõe-se que com a ativação desta, mais pessoas frequentarão o espaço ao redor, gerando a necessidade de se ter um ambiente mais acolhedor e convidativo ao público.

Figura 47 – Levantamento do terreno da capela.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Ao analisar a área de estudo, observou-se que na região a incidência solar é muito forte, sensação ampliada pela inexistência de árvores e elemento que bloqueiem a irradiação solar no terreno. A permanência no local é extremamente desconfortável durante horários entre às 10h e às 16h. A ventilação é impulsionada pelos arredores, dando a sensação de brisa suave, conforto que poderia ser potencializado com a implantação de vegetação local.

Figura 48 – Mapa de condições climáticas.



Fonte: Google Maps com edições da autora, 2019.

Pelo mapa (figura 50) que indica as condições atuais do espaço, constata-se a naturalidade do terreno, isento de pavimento e com vegetação gramínea disposta por toda a extensão. Configura-se como um local sem atrativos. A iluminação pública é feita por cinco postes, os quais são insuficientes para proporcionar claridade ao local, o que conseqüentemente torna o lugar inseguro à noite.

Outro elemento levantado é o cruzeiro, um pequeno monumento de cunho religioso localizado em frente à capela.

Figura 49 – Mapa de condições do largo.



Fonte: Google Maps com edições da autora, 2019.

A fim de corroborar as informações coletadas, efetuou-se o levantamento fotográfico do terreno de estudo (figura 50), conforme as imagens a seguir:

Figura 50 – Fotos do largo da capela.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

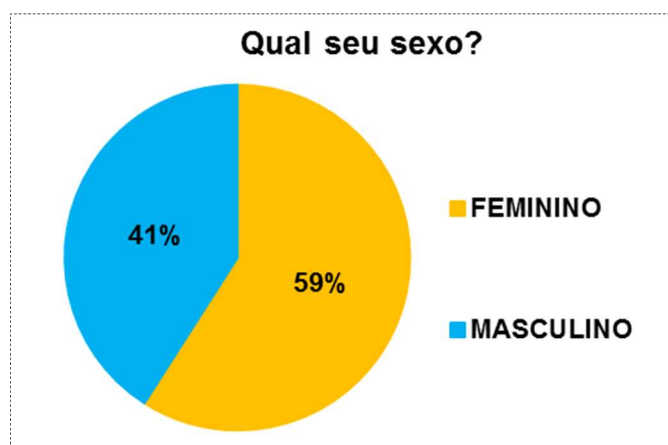
4.7. Resultados das entrevistas

Para compreender a relação do morador com o bairro das Mercês e o largo da capela, bem como sua opinião frente à necessidade de um espaço público, foi aplicado um questionário presencial à comunidade, no universo de 127 entrevistados, entre homens e mulheres com faixa etária de 4 a 76 anos.

Primeiramente, perguntou-se o sexo dos entrevistados (gráfico 3). Em parâmetros quase equilibrados, resultou em 41% (52) do sexo masculino e 59% (75) feminino. Dessa forma, adquire-se maior prospecção sobre o cliente

levantado, no caso a comunidade.

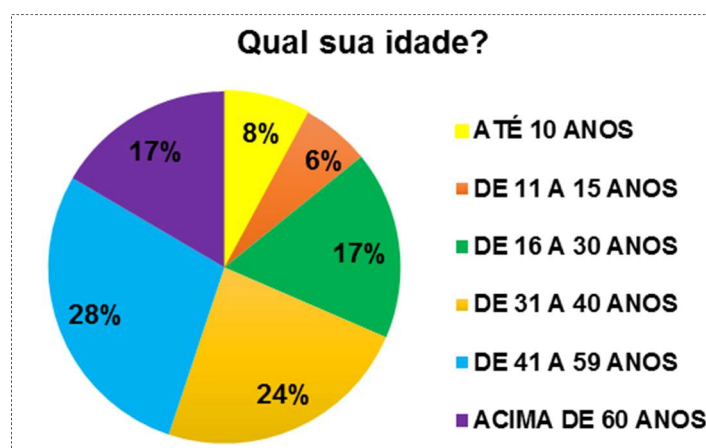
Gráfico 3 – Gênero dos entrevistados.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Entre a faixa etária dos entrevistados (gráfico 4), percebe-se que os grupos que mais responderam encontravam-se na idade entre os intervalos de 41 a 59 anos (28%), 31 a 40 anos (24%), 16 a 30 anos (17%), acima de 60 anos (17%), além de jovens e crianças. Percentuais que demonstram que a pesquisa atingiu um público bem diversificado, fato visto com positividade para critério de projeto.

Gráfico 4 – Faixa etária dos entrevistados.

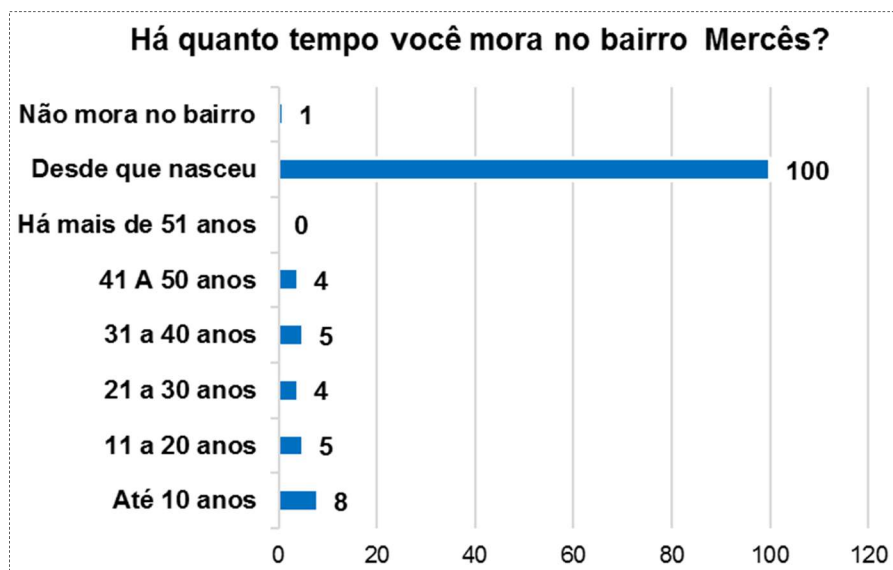


Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

O tempo de moradia no bairro (gráfico 5) justifica o sentido de pertencimento que o morador tem para com o seu sítio, cujo resultado foi evidenciado nos números, onde 100 dos 127 entrevistados residem na

localidade desde que nasceram. Ainda afirmaram em não ter interesse em sair da região. Os demais também demonstram uma boa permanência, de 11 a 50 anos, e somente 8 residem até 10 anos. A resposta identificada como “não mora no bairro” refere-se à situação do padre, responsável pela capela, cuja opinião se faz necessária para o curso desta pesquisa.

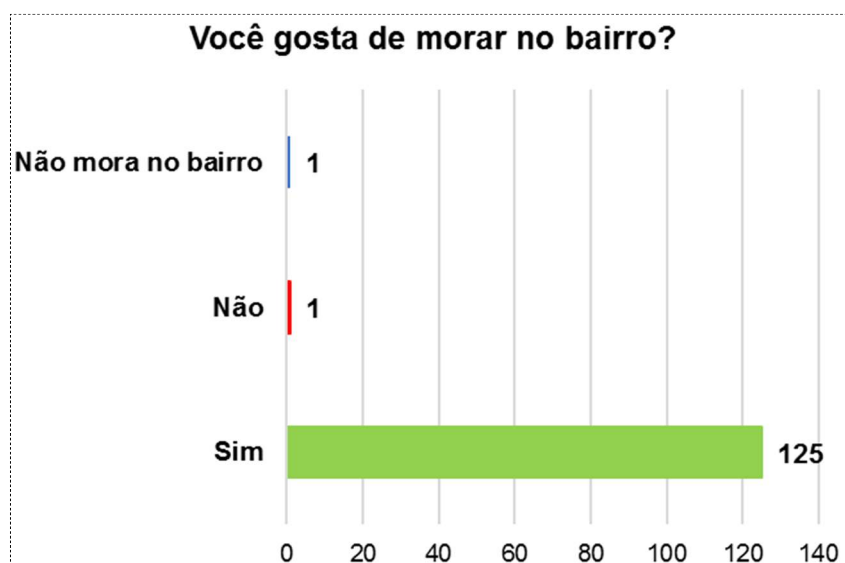
Gráfico 5 – Tempo que entrevistado reside no bairro.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

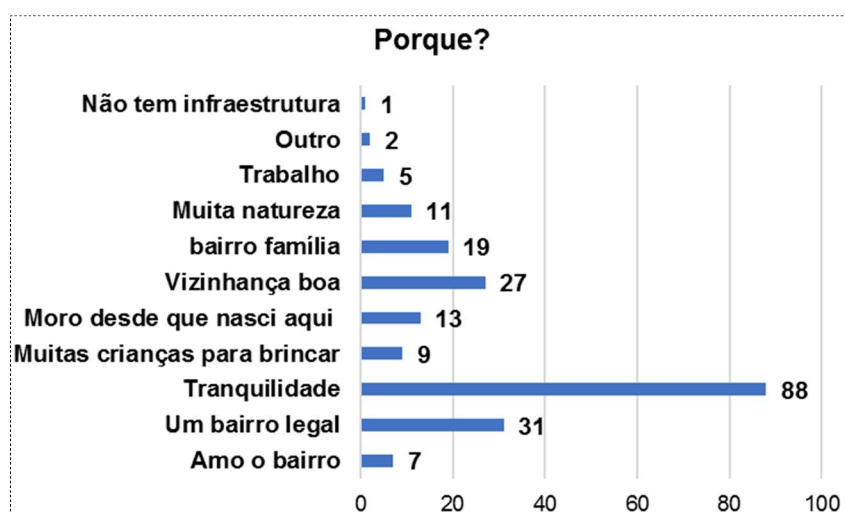
Nos gráficos 6 e 7, questionou-se a relação do morador com o bairro, ou seja, se ele gosta de morar no território e por quais motivos. As respostas foram positivas, com um total de 125, a exceção de um morador e do pároco. Evidenciou-se a relação de significância que os cidadãos têm pelo bairro, mesmo com tanta adversidade na infraestrutura e na oferta de serviços. Advindas de um cenário de respostas abertas (gráfico 7), a tranquilidade, a boa vizinhança, a relação familiar e a natureza foram apontadas pelos moradores como elementos que traduzem a estima pelo bairro.

Gráfico 6 – Relação morador e bairro.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

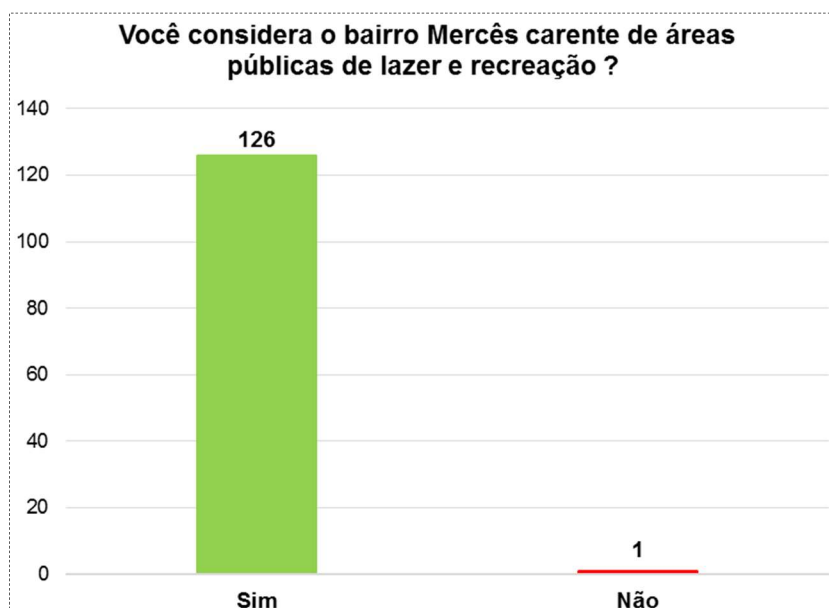
Gráfico 7 – Justificativa da moradia no bairro.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Ao serem indagados sobre a ausência de espaços de lazer e recreação (gráfico 8), 99% afirmaram que o bairro é carente de áreas dessa categoria. Colocaram que as dificuldades que assolam a região generalizam-se por todos os setores, como problemas de transporte, péssimas condições das vias e a saúde pública precária.

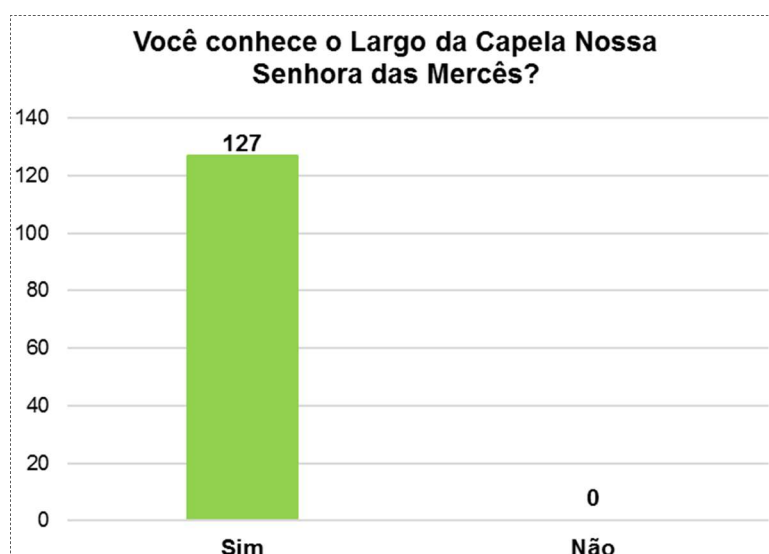
Gráfico 8 – Ausência de áreas públicas no bairro.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

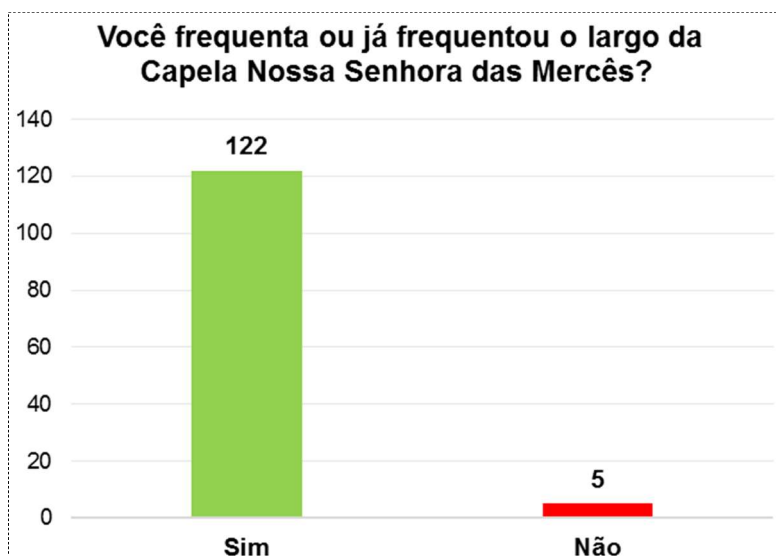
Sobre o conhecimento do largo da capela Nossa Senhora das Mercês (gráfico 9), todos sem exceção responderam que conhecem o supracitado local. Ao serem indagados se “frequentam ou já frequentaram” (gráfico 10) o espaço a maioria respondeu “sim”, precisamente 122 pessoas. Vale ressaltar que neste cenário estão incluídos o público dos evangélicos, que antes já frequentaram o espaço. Os que responderam “não frequentar” equivalem aos moradores que residem a menos de 10 anos.

Gráfico 9 – Conhecimento do largo da capela pelos entrevistados.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Gráfico 10 – Frequência dos moradores no largo da capela.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Atualmente, as atividades religiosas são responsáveis diretamente pela ocupação do espaço, onde 96% da utilização do espaço pelos habitantes é para questões inerentes a igreja católica (gráfico 11). Os 4% equivalentes ao lazer computam respostas de crianças vizinhas que vão ao espaço para brincarem e se divertirem.

Gráfico 11 – Finalidade de ocupação do largo na atualidade.

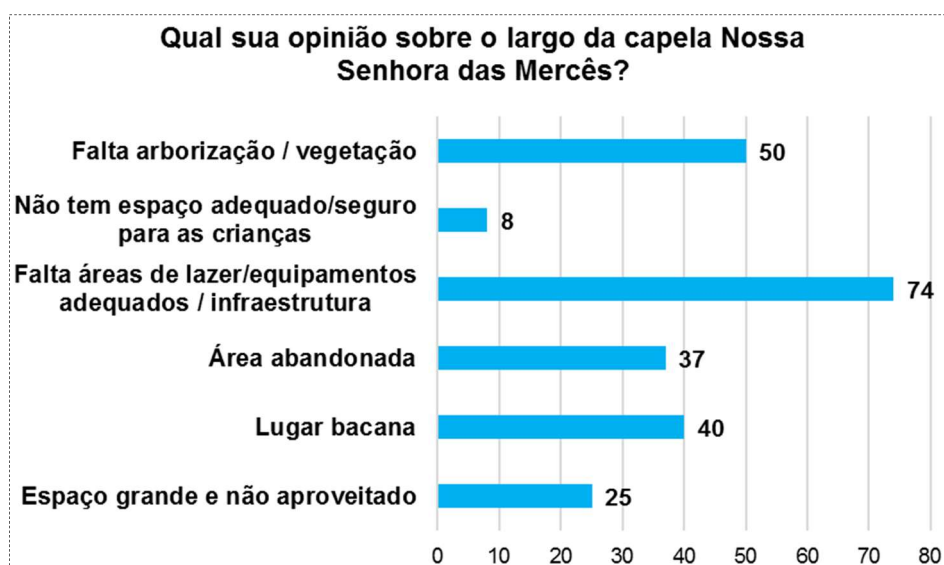


Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Ao serem indagado sobre a opinião que tinham sobre o largo (gráfico 12), 74 entrevistados apontaram que falta área de lazer, infraestrutura e equipamentos como necessárias para o local. Ademais, 50 disseram que falta arborização no trecho, que atualmente está desprovido de qualquer

recurso que controle a incidência solar, para amenizar a sensação climática no local. Outros 34 afirmaram que o lugar está abandonado, somando-se a outros 25 que disseram que o espaço é muito grande e não aproveitado. Em contrapartida, 40 responderam que o lugar é “bacana”, terminologia relacionada a aspectos de aceitação da área como o espaço símbolo e sua representatividade para tais moradores.

Gráfico 12 – Opinião do morador sobre o largo.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

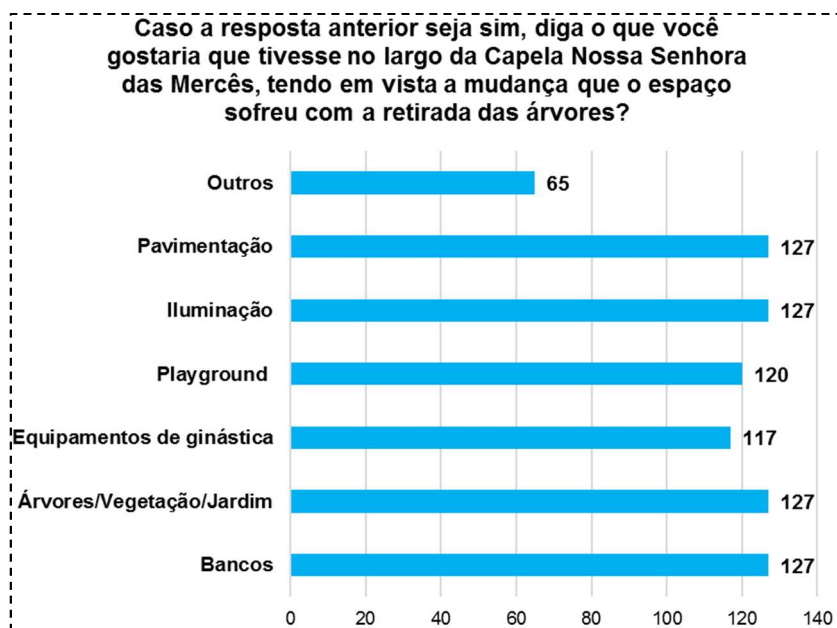
Os gráficos 14 e 15 mostram, respectivamente, o que os moradores pensam sobre a intervenção do largo e quais elementos gostariam que o projeto abrangesse. Dos resultados, 100% (127) concordam com a intervenção e melhoria do largo. Questionados sobre quais elementos gostariam que tivesse no projeto, 127 concordaram com a inserção de bancos, pavimentação, iluminação e árvores/ vegetação. Sobre equipamentos de ginástica e playgrounds, 10 e 7 entrevistados, respectivamente, mostraram-se desfavoráveis à inserção destes, pois alegaram que tais componentes não se aplicam ao contexto do largo da capela. Dentro do universo de pesquisa, 65 entrevistados citaram elementos como coretos, lixeiras, posto policial, lanchonete, escolinha, pista de skate, quadra poliesportiva, etc. Neste último tópico, cabe uma análise cuidadosa sobre a necessidade de colocação de tais elementos e o reflexo em um grupo maior de indivíduos.

Gráfico 13 – Necessidade de intervenção no largo.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Gráfico 14 – Elementos levantados para o projeto.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Ao final das entrevistas, uma maquete física retratando a situação atual da área de intervenção foi apresentada. Objetivando absorver as reações e como as pessoas se apropriavam do espaço, onde foi possível esclarecer junto à comunidade as informações não declaradas em questionário, como por exemplo a necessidade da criação de uma rua para acesso aos moradores vizinhos a capela.

Desse modo, os moradores sentiram-se à vontade e de forma mais

natural recorreram suas visões e percepções sobre o largo. Tal processo soou com extrema positividade, tendo em vista que a abordagem visual sobre o problema propiciou análises e diálogos por todas as faixas etárias. As entrevistas foram realizadas nas residenciais e nos pequenos comércios, onde haviam membros da população local.

Figura 51 – Moradores em contato com a maquete do Largo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

5. ESTUDO PRELIMINAR

A compreensão da dinâmica e cotidiano das pessoas na cidade facilita a criação de espaços públicos que expressem as reais necessidades e anseios dos usuários. Nesse sentido, para Gatti (2013, p. 9), “um bom projeto de espaço público não depende apenas de uma boa execução técnica; também deve ser o espaço certo, no lugar certo e para as pessoas certas”.

O estudo preliminar proposto neste trabalho será um espaço livre público de lazer e encontro a ser implantado em uma região com grande significância e sentido para a comunidade.

Para tanto, interligou-se o referencial teórico abordado acerca dos espaços públicos ao diagnóstico levantado ao longo deste trabalho. Assim, este capítulo visa demonstrar o resultado principal dessa pesquisa

Primeiramente, apresentou-se duas referências projetuais para servir de inspiração e análise de suas características e processo de planejamento. Após, foi apresentado o conceito do projeto, o programa de necessidades, montado a partir da vivência no local e relatos dos moradores nas entrevistas. Ainda será apresentada a setorização e, por fim, o estudo preliminar da Praça das Mercês.

5.1. Referências Projetuais

Os estudos de caso são feitos para que se tenha melhor compreensão sobre como será projetado o espaço em questão com base em experiências de outros locais. Nesta seção estão elencados dois exemplos de referências projetuais de espaços públicos, precisamente praças.

5.1.1. Praça Victor Civita – São Paulo

A Praça Victor Civita está situada no bairro Pinheiros, na cidade de São Paulo, onde antes havia o incinerador municipal de lixo. Seu projeto teve início em 2006 e possui uma área de 14.000 m². Planejado pelo escritório Levisky Arquitetos, com a colaboração da arquiteta Anna Dietzsch, o projeto destaca-se pelo marcante uso do deque de madeira em meio à vegetação, o que lhe confere um caráter de equilíbrio entre o material e a funcionalidade.

Figura 52 – Praça Victor Civita em São Paulo



Fonte: Archdaily, 2017³⁷

A utilização do deque em madeira suspenso a 1 m do chão foi a solução encontrada pela equipe para evitar o contato com o solo contaminado. Os caminhos formados dessa composição conduzem os visitantes a um passeio pelas exposições nos laboratórios e ao museu, que por sua vez abordam a temática da proteção ambiental.

Foram utilizados outros materiais, como blocos intertravados e paralelepípedo no piso. No mobiliário, observa-se a utilização de madeira, metal e concreto. Quanto à infraestrutura, está inserida na praça uma

³⁷ ARCHDAILY BRASIL. **Praça Victor Civita / Levisky Arquitetos e Anna Julia Dietzsch**. 9 dez. 2011. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

arquibancada, um palco, bicicletário, academia ao ar livre, sanitários, hortas, espaço para crianças, bebedouros, telefones públicos, oficina de educação ambiental e Museu da Sustentabilidade.

A praça possui muitos atrativos para os moradores do entorno, que a utilizam principalmente para lazer e convívio, além de ser palco para atividades culturais, o que reitera o significado e a sua importância para os cidadãos. Assim, observa-se a apropriação do espaço pelos moradores e a importância do projeto enquanto fomentador da vitalidade urbana na região.

5.1.2. Praça da Matriz em Catanduva – São Paulo

O projeto da Praça da Matriz, localizada em Catanduva, São Paulo, foi desenvolvido pelos arquitetos Rosa Grena Kliass, Maria Cecília Barbieri Gorski, Michel Todel Gorski, no ano de 2007-2014.

Para a intervenção na praça, os autores apontam que a acessibilidade, a valorização da vegetação existente e a criação de um espaço de qualidade estética e ambiental, foram pontos essenciais para elaboração do projeto. Observa-se uma composição entre espaço de circulação, de descanso e de cunho religioso bem delimitada. A paginação de piso é composta por pedra portuguesa, com detalhes em granito e elemento tátil. Os bancos são de concreto, seguindo a linearidade do desenho.

No paisagismo, destaca-se as árvores de médio e grande porte, jardins compostos por gramíneas, devidamente alocadas ao longo do largo. Observa-se que foi respeitado o espaço livre em frente à edificação religiosa. A iluminação está distribuída em duas escalas: a geral, feita por postes mais altos; e a de destaque, feita por balizadores e spots, o que evidencia a beleza dos elementos do projeto à noite.

O uso da praça está atrelado ao caráter religioso em virtude da Igreja Matriz. Assim, possui um público frequente e rotineiro, o que a consolida ainda como ponto de encontro para as pessoas. Vale ressaltar que o espaço foi pensado para comportar e acolher as pessoas, tanto passantes, quanto fiéis, para convivência e descanso. Além de ser o local palco de festas e manifestação sociais e religiosas.

Figura 53 – Praça da Matriz em Catanduva São Paulo.



Fonte: Archdaily, 2017³⁸

³⁸ ARCHDAILY BRASIL. **Requalificação de Praças em Catanduva / Rosa Grena Kliass Arquiteta + Barbieri + Gorski Arquitetos Associados**. 22 mar 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/867162/requalificacao-de-pracas-em-catanduva-rosa-grena-kliass-arquiteta-plus-barbieri-plus-gorski-arquitetos-associados>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

5.2. Proposta para a intervenção

Neste subcapítulo são apresentadas as ideias preliminares para a intervenção no largo da capela e implantação da Praça das Mercês. Sendo expostas a seguir: o conceito, o programa de necessidades, a setorização, e a proposta de intervenção.

5.2.1. Conceito

Desde o início desta pesquisa, entendeu-se a relação que a comunidade tem com o espaço da igreja e a vontade dos moradores em possuírem um lugar que os acolha de maneira mais confortável. Um local onde a interação entre os indivíduos seja proporcionada pela própria configuração espacial. Além disso, os cidadãos emanam uma relação antiga com a localidade e um sentido de pertencimento muito forte com o bairro, em especial com o espaço da capela.

O conceito estabelecido para o projeto foi “Raízes”, que em seu significado direto é a parte responsável pela base e sustentação das plantas, bem como sua alimentação. O espaço da capela alimenta e fixa o sentido de pertencimento na comunidade, cujas relações estão fortalecidas pelo tempo em que ali vivem, ou seja o tempo é desencadeador das raízes mais resistentes tanto nas plantas quanto no bairro. Assim como a raiz é a base de sustentação da árvore, a praça será a base de integração e união da comunidade.

O conceito aqui estabelecido em concordância com o plano de necessidades foi determinante para elaboração da setorização do estudo preliminar, conforme exposto nas linhas a seguir.

5.2.2. Programa de necessidades

O programa de necessidades proposto para a Praça das Mercês foi elaborado a partir da análise dos dados obtidos durante a etapa de diagnóstico da região, em conjunto com a pesquisa de opinião, através de entrevista aplicada a 127 moradores do bairro.

Além disso, as referências projetuais das praças anteriormente citadas auxiliam o processo de elaboração do programa de necessidades. A

praça Vitor Civita destaca-se pelo projeto ousado em uma área degradada, pelo seu viés ambiental e ainda pelos usos diversificados que atendem as várias faixas etárias. Beneficiando a comunidade local e atraindo pessoas de outra localidade, em uma constante promoção da vitalidade urbana.

A Praça da Matriz em Catanduva, embora com dimensões mais avantajadas, foi utilizada como base para a compreensão do projeto no espaço religioso. Observou-se a disposição de elementos como vegetação, bancos e iluminação.

Assim, formulou-se o programa de necessidades (tabela 2), que foi dividido em seis setores, os quais são: religioso, recreativo, circulação, contemplativo, esportivo e apoio.

Nestes setores estão inseridos os elementos apontados como carências pelos moradores, conforme descrição abaixo:

Tabela 2 – Programa de necessidades da Praça das Mercês.

SETOR	DESCRIÇÃO	ÁREA
RELIGIOSO	Espaço para as festividades religiosas e culturais	1121,14 m ²
RECREATIVO	Playground - brinquedos destinados à diversão das crianças, mesas e bancos com jogos de tabuleiro	259,58 m ²
CIRCULAÇÃO	Passeio seguro e com pavimento facilitador de drenagem.	733,74 m ²
CONTEMPLATIVO	Pergolados/cobertura, árvores e gramíneas, bancos e iluminação	305,72 m ²
ESPORTIVO	Academia ao ar livre	124,11 m ²
APOIO	Lixeiras, estacionamento.	61,28 m ²
	TOTAL	2605,57 m²

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

5.2.3. Setorização

Após determinação do conceito e do programa de necessidades, elaborou-se a seguinte setorização (figura 54) da área de intervenção, por meio da demarcação do espaço onde se efetivará cada uso.

Figura 54 – Planta de setorização



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Primeiramente, estabeleceu-se a delimitação do espaço religioso, feita a partir da observação da área de ocupação pelas pessoas nas manifestações religiosas e culturais. Tal trecho configura-se como o mais importante para os moradores, e demanda atenção por seu valor simbólico e histórico. Entende-se que este seja a base e a fortaleza das relações e dinâmicas sociais na escala de bairro e vizinhança ao longo da formação da comunidade.

Posteriormente, colocou-se um caminho no eixo do terreno, cuja visada direciona à capela, de modo a proporcionar campo visual para a edificação religiosa. Além de servir como passeio e conexão entre o espaço religioso e os demais usos estabelecidos, promovendo desse modo, as ramificações que concerne à proposta da praça.

Tanto o espaço religioso quanto o caminho que conecta os usos, receberam uma paginação especial no piso. Foram adornados com desenhos de curvas que se entrelaçam simbolizando as raízes, de modo a personificar o conceito, outrora abstrato, e torná-lo visual e significativo. Para isso, utilizou-se

a pavimentação em pedras portuguesas, material muito empregado nos desenhos de mosaicos em pisos, que certamente relembra o caráter histórico e à herança da colonização europeia na região.

Nas áreas de circulação (figura 55), a acessibilidade foi abordada como elemento principal, seguindo as normas ABNT 9050 (2015). A partir dessa premissa, serão utilizados pisos nivelados e devidamente alinhados ao perfil natural do terreno. Nas calçadas da Avenida das Mercês e no acesso aos moradores foram utilizados blocos intertravados de concreto de 10x20x8cm assentados sob superfície regularizada em areia. Para os eventuais desníveis, foram implantadas rampas para facilitar o acesso de pessoas com mobilidade reduzida. Empregou-se piso tátil, direcionável e alerta, para orientar indivíduos com deficiência visual ou baixa visão, ou seja, sinalização horizontal.

Figura 55 – Áreas verdes e circulação



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Propõe-se a implantação de abrigo para ônibus e faixa de pedestres na Avenida das Mercês, haja vista que tais elementos são imprescindíveis à

circulação segura dos indivíduos e inexistem na região.

Ainda, foram implantados balizadores como forma de impedir a passagem de veículos automotores pelo largo, espaço exclusivo à circulação de pessoas. Com isso, reitera-se a priorização e a segurança do pedestre.

No setor contemplativo foram inseridas as áreas verdes, com forração em grama esmeralda, jardins, árvores e pergolados. As áreas verdes gramadas foram devidamente locadas no intermédio entre um uso e outro, ou seja, situadas entre setores com pavimento. Proporciona-se um escoamento direcionado das águas pluviais para as áreas verdes. Ainda foram inseridas árvores perenes e com raiz pivotante. Foram implantados próximo à capela pergolados com cobertura em vegetação rasteira e bancos de madeira, visando que o espaço transmita conforto e bem-estar.

O setor recreativo abrange o playground, destinado exclusivamente às crianças, com respectivos brinquedos em estrutura de madeira ou ferro pintado. O piso será em areia média, pois possui capacidade de absorver altos impactos. Rebaixou-se nível a 10 cm em relação ao caminho de pedra portuguesa, haja vista que possui característica de ser 100% drenante. Em lado oposto encontra-se o espaço voltado ao usufruto de todas as faixas etárias. Para tanto foi colocado mesas e bancos de concreto com jogos de tabuleiro.

Já no setor esportivo foi inserida a academia ao ar livre, com equipamentos de ginástica destinado ao uso de jovens e idosos. O piso escolhido foi o de cimento, a ser moldado in loco e com juntas a cada 1 metro, com leve inclinação de 1% direcionada à área verde gramada ao lado, que está a 5 cm de desnível.

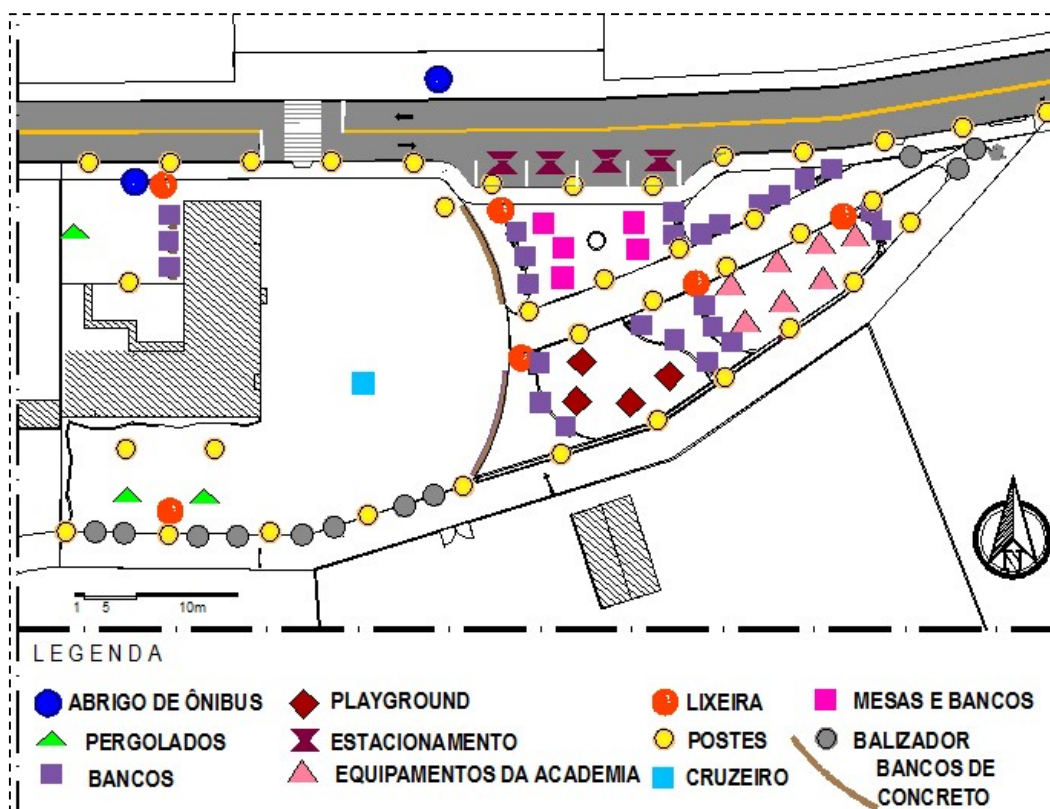
No setor de apoio (figura 56), criou-se um estacionamento ao lado da via com vagas para quatro veículos. Ainda foram distribuídas lixeiras ao longo da extensão da praça, sobretudo nas proximidades das áreas de concentração e passagem de pessoas.

A iluminação foi distribuída com a utilização de três modelos de postes. O primeiro destinado a iluminação dos passeios e jardins no interior da praça com altura de 4 m e afastados a cada 8 m. O segundo foi pensado para melhorar iluminação da via e do pedestre. Já o terceiro é um poste alto para refletores que foram direcionados para o espaço religioso, onde deve-se evitar

a inserção de poste menores por ser palco de manifestações em massa.

Na planta de mobiliário (figura 56) consta indicada a disposição dos principais equipamentos urbanos no largo da capela. Destaca-se dois bancos de concreto com 10 m de extensão voltados para o espaço de manifestações, que servirá como arquibancada para as apresentações, a citar o teatro encenado por crianças da catequese.

Figura 56 – Planta de mobiliário urbano.



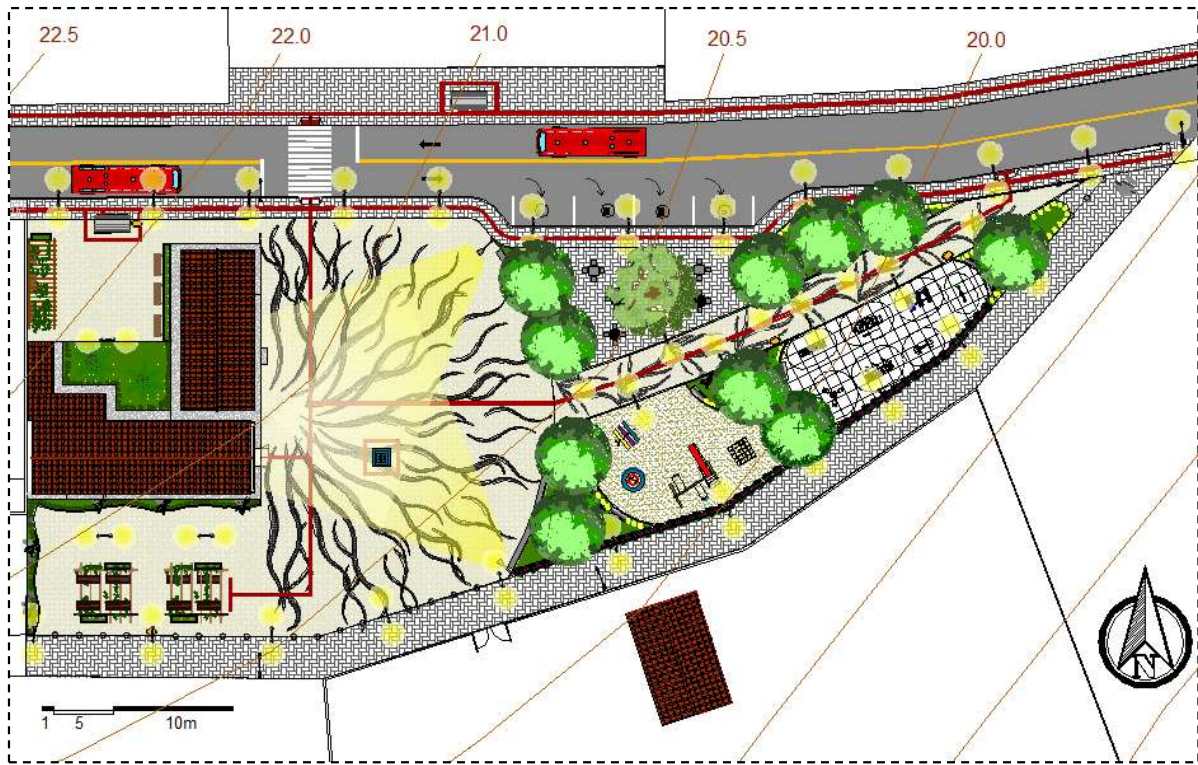
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

5.2.3. Proposta geral

A proposta geral para a Praça das Mercês expõe um traçado que visa o destaque do espaço religioso por meio da sua própria dimensão, com um passeio retilíneo, que serve tanto de acesso ao espaço do sagrado, quanto de conexão aos demais setores. Na delimitação dos usos (recreativo, contemplativo e esportivo) foram utilizadas suaves combinações de curvas, na intenção de atribuir aos espaços um caráter mais orgânico. O que transmite ao usuário uma sensação de aproximação com a natureza, reafirmada com a

inserção de árvores, espécies ornamentais nos jardins e gramíneas.

Figura 57 – Proposta geral de intervenção.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Figura 58 - Vista superior da intervenção.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Figura 59 – Vistas da intervenção.



Figura 60 - Vista da Intervenção.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Figura 61 – Vistas da intervenção.



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade é formada pelas pessoas e deve ser para elas. Ao iniciar-se o trabalho de pesquisa, constatou-se que a comunidade, através das manifestações sociais e reivindicatórias, exerce grande poder na construção dos espaços públicos. Apropriam-se destes, principalmente quando imbuídas de um interesse comum.

Neste cenário, os espaços livres públicos tornam-se palco de encontro e conexões entre pessoas, sendo cruciais para fortalecer e criar as relações interpessoais. Sobretudo em cidades de pequeno porte, onde a dinâmica social está intrinsecamente correlacionada à escala de vizinhança, o que favorece o fortalecimento das relações. Neste caso, o valor simbólico e o significado da espacialidade são amplamente vivenciados pelos cidadãos.

A praça, principal espaço livre público na história, por muitos esnobada nos dias atuais, é vista com entusiasmo por comunidades pequenas, representando para estas o lazer, o encontro, as conversas, e até mesmo uma melhor qualidade de vida. Fato deflagrado em rede social pela própria comunidade em estudo, que ao verem-se diante de uma paisagem alterada no largo da capela Nossa Senhora das Mercês em Paço do Lumiar, reivindicaram pela implantação de uma praça no local.

A pesquisa teve como objetivo geral “propor um estudo preliminar para espaço livre público do largo da Capela Nossa Senhora das Mercês, visando a criação de uma praça, proporcionando lazer e interação para a comunidade, e contribuindo para o fortalecimento das atividades sociais existentes. Constata-se que objetivo geral foi alcançado, conforme os objetivos específicos estabelecidos foram se desenvolvendo.

Para auxiliar o processo de desenvolvimento deste trabalho e alcançar o objetivo geral, buscou-se a princípio “compreender o conceito de espaço livre público e sua importância para a vida nas cidades, através de bibliografia específica”. Ao utilizar autores pertinentes, conseguimos o resultado pleiteado.

Logo após, o elemento representativo principal desses espaços livres foi estudado: a praça. Através de conceitos e contextualização histórica, bem como sua função nos primórdios da sociedade aos dias atuais.

Ademais, estudou-se o contexto histórico do bairro das Mercês, as manifestações religiosas e culturais existentes, a condição socioeconômica dos moradores (por meio de dados do Censo 2010 do IBGE). Ainda foi realizada análise por meio de cartografia das variantes urbanísticas existentes. Tal investigação culminou em uma descoberta desagradável: a implantação de um empreendimento condominial na nascente do rio das Mercês, que tem causado danos irreversíveis para a comunidade agrícola, alterando drasticamente a economia dos trabalhadores rurais do bairro. As entrevistas aplicadas aos moradores serviram tanto para prospecção da relação destes com o largo da capela quanto para montagem do histórico do bairro com base nos relatos dos indivíduos mais idosos.

Por fim, analisou-se duas referências de projetos de praças em funcionamento, para auxílio no planejamento do estudo preliminar. Foi feito o plano de necessidades, com base nas entrevistas e relatos de moradores. Estabeleceu-se ainda um conceito projetual, e a proposta geral da implantação para a Praça das Mercês, que visa acima de tudo, promover um espaço de integração para a comunidade, um lugar com bancos, academia ao ar livre, contemplativo de lazer e recreação, e acima de tudo mais convidativo.

Durante o trabalho vivenciou-se as dificuldades na busca por dados em órgãos públicos municipais, o que denota o quão negligenciado está o planejamento urbano de Paço do Lumiar. À exceção do mapa de macrozoneamento (adquirido por terceiros), os demais mapas utilizados não são da prefeitura, sendo elaborados pela autora com base de dados nacionais em software específico. Tal desordem administrativa, reflete negativamente na cidade, sobretudo nos bairros pequenos e interioranos, que sofrem com a ausência de infraestrutura básica e espaços públicos dignos.

Espera-se que o presente trabalho fomente a compreensão dos espaços livres públicos positivamente, por serem palco da vida urbana, integração e o convívio entre as pessoas. Ao ser implantada a Praça das Mercês, que a comunidade possa se apropriar e conservar por ela o sentido de pertencimento, para então cuidar e zelar pelo espaço tão ansiado por moradores.

E por fim, mesmo que o estudo preliminar tenha sido alcançado, reitera-se que a região demanda por estudos em outros seguimentos do

urbanismo. Este trabalho não tem a pretensão de ser um fim em si, mas o início de um vigoroso projeto de estudo e reinterpretação deste e de outros bairros carentes de uma visão humanística sobre seu tecido urbano. Portanto, que outras produções acadêmicas possam surgir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX, Sun. **Projeto da Praça**: Convívio e exclusão no espaço público. 2. ed. São Paulo: Editora Senac SP. 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação: referências: elaboração. 2. ed. Rio de Janeiro: ABN, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos / Associação Brasileira de Normas Técnicas. 3 ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

BÓGEA, Kátia Santos; RIBEIRO, Emanuela Sousa; BRITO, Stella Soares de. **Arquitetura e Arte Religiosa no Maranhão**. São Luís: 3ª Superintendência Regional. IPHAN. 2008. P. 198 a 200

BRASIL. Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados**. 3ª Superintendência Regional v.10. Módulo 2-Microrregião de Aglomeração Urbana de São Luís Norte Maranhense. Capela de Nossa Senhora das Mercês.

CERQUEIRA, Yasminie Midlej Silva Farias. **Espaço público e sociabilidade urbana**: Apropriações e Significados dos Espaços Públicos na Cidade Contemporânea. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, BR-RN. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/12402>> Acesso em: 20 mar. 2019.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COQUEIRO, Ana Clara Barros. **Estudo preliminar para a revitalização da Praça da Conquista no bairro do Coroado em São Luís** 2018. 101 f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

DARODA, Raquel Ferreira. **As novas tecnologias e o espaço público da cidade contemporânea**. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/67063>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

DIZERÓ, Joselle Davanço. **Praças do interior paulista: estudos de casos nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/ SP**- Campinas: PUC-Campinas, 2006. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

em: 21 mai. 2019

GATTI, Simone. **Espaços Públicos: Diagnóstico e Metodologia de Projeto**, São Paulo: ABCP, 2013. 93 f. Disponível em: <<http://www.solucoesparacidades.com.br/wp-content/uploads/2013/11/Manual%20de%20espacos%20publicos.pdf>>. Acesso em 15 mai. 2018

GEHL, Jan. **Cidade Para Pessoas**. Tradução: Anita Di Marco. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HEEMANN, Jeniffer; SANTIAGO, Paolo Caiuby. **Guia do espaço público: para inspirar e transformar (PPS)**. 2015. Disponível em: <<http://www.placemaking.org.br/home/wp-content/uploads/2015/03/Guia-do-Espa%C3%A7o-P%C3%ABlico1.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sinopse do Censo 2010 por setores. Maranhão: Paço do Lumiar**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>>. Acesso em: 05 mar. 2019.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Coleção Cidades)

LAMAS, José. M. Ressano. Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3. ed. Lisboa: FCG, 2004 (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas)

LEITÃO, Lúcia. (Org.). **As Praças Que a Gente Tem, as Praças Que a Gente Quer**: manual de procedimentos para intervenção em praças. Recife: Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, 2002.

LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

MACEDO, Silvio Soares. **Espaços Livres. Paisagem e Ambiente**, n. 7, p. 15-56, 10 jun. 1995. DOI: <<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i7p15-56>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário Histórico – Geográfico da Província do Maranhão**. Ed. Fon-Fon e Seleta, Rio de Janeiro, 1970. P.630 a 631

MINDA, Jorge Eduardo Calderón. **Os espaços livres públicos e o contexto local: o caso da Praça Principal de Pitalito - Huila - Colômbia**. 2009. 106 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/4496>> Acesso em: 10 abr. 2019.

MOCELLIM, Alan Delazeri. A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 2, p.105-125, jun./dez. 2011. Semestral. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74542/78151>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAÇO DO LUMIAR. Lei nº 335, de 25 de setembro de 2006. **Plano Diretor do Município de Paço do Lumiar**. 2006. Legislação Municipal.

PAÇO DO LUMIAR, Secretaria Municipal de Educação. **Histórico do Município de Paço do Lumiar**. 1998

PEREIRA, Maria Madalena Dias Calhau Esquível. **Praças públicas sustentáveis**: Caso de renovação das praças. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. 2008. 142 f. Disponível em: <<https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/395137888693/Tese.pdf>>. Acesso

PINTO, Renata Inês Burlacchini Passos da Silva. **A Praça da História da Cidade**: o caso da Praça da Sé – suas faces durante o século XX (1933 / 1999). 2003. 219 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8820/1/DISSERTACAO%2520RENATA%2520PINTO%2520PARTE1%25201%2520SEG.pdf>> Acesso em: 15 mai. 2019.

QUEIROGA, Eugenio. **A megalópole e a praça**: O espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Eugenio_Queiroga/publication/273121318_The_megalopolis_and_the_plaza_the_space_between_the_domination_reason_and_communicative_action/links/54f73e940cf2ccffe9daf5ec/The-megalopolis-and-the-plaza-the-space-between-the-domination-razon-and-communicative-action.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2019.

QUEIROGA, Eugenio. **Lugares públicos**: atravessamentos entre espaços livres e edificados, públicos e privados. *In*: NETTO, Vinícios; SABOYA, Renato; VARGAS, Júlio; CARVALHO, Thereza (org.). **Efeitos da Arquitetura**: Os impactos da urbanização contemporânea no Brasil. Brasília: FRBH. 2017. p.115-134.

ROBBA, Fabio; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Imprensa Oficial do Estado, 2002.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público**: jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/321697-Ao-amor-do-publico-jardins-no-brasil.html>>. Acesso em: 29 abr. 2019

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SILVA, Aline Martins da. **Atratividade e dinâmica de apropriação de espaços públicos para o lazer e turismo**. 2009. 249 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propur/info/Aline_Silva.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2019.

VIERO, Verônica Crestani; FILHO, Luiz Carlos Barbosa. **Praças Públicas: Origem, Conceitos e Funções**. 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/15176779/PRA%C3%87AS_P%C3%9ABLICAS_ORIGEM_CONCEITOS_E_FUN%C3%87%C3%95ES>. Acesso em: 28 mar. 2019.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. **O Parque no Desenho Urbano**. Paisagem Ambiente: Ensaio – n. 21 - São Paulo – p.199-214, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i21p199-213>>. Acesso em: 23 mai 2019

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA, Liana Barros. **Espaços Livres do Recife**. Ana Rita Sá Carneiro; Liana de Barros Mesquita; colaboradores Elba Solto, Lúcia Veras, Neide de Azevedo, Erika de Almeida, Fábio Cavalcanti. – Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Universidade Federal do Pernambuco, 2000.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL. **Área de Proteção Ambiental do Itapiracó**. Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/arp/5159>>. Acesso em: 07 jun 2019

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES



PESQUISA DE OPINIÃO DIRECIONADA A TODOS OS MORADORES DO BAIRRO
MERCÊS EM PAÇO DO LUMIAR – MA PARA ELABORAÇÃO DO TRABALHO FINAL
DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UEMA



Arquitetura
e Urbanismo

1. Qual o seu nome?

2. Qual seu sexo?

() Feminino () Masculino () Outro

3. Qual sua idade?

() até 15 anos () de 16 a 30 anos

() de 31 a 40 anos () de 41 a 59 anos

() acima de 60 anos _____

4. Há quanto tempo você mora no bairro Mercês?

() Até 10 anos () 11 a 20 anos

() 21 a 30 anos () 31 a 40 anos

() 41 a 50 anos () Há mais de 51 anos

() Desde que nasci

5. Você gosta de morar no bairro? Porque?

() Sim () Não

6. Você considera o bairro Mercês carente de áreas públicas de lazer e recreação?

() Sim () Não

7. Você conhece o Largo da Capela Nossa Senhora das Mercês?

() Sim () Não

8. Você frequenta ou já frequentou o largo da Capela Nossa Senhora das Mercês? Para qual finalidade?

9. Qual sua opinião sobre o largo da capela Nossa Senhora das Mercês?

10. Você gostaria que tivesse alguma intervenção e melhoria no largo da Capela Nossa Senhora das Mercês?

() Sim () Não

11. Caso a resposta anterior seja sim, diga o que você gostaria que tivesse no largo da Capela Nossa Senhora das Mercês, tendo em vista a mudança que o espaço sofreu com a retirada das árvores?

() Bancos

() Árvores / Vegetação / Jardim

() Equipamentos de ginástica

() Playground (brinquedos para crianças)

() Iluminação

() Pavimentação

Outros: _____

12. Fique à vontade para deixar mais uma sugestão, um comentário e/ou opinião para a intervenção no largo:

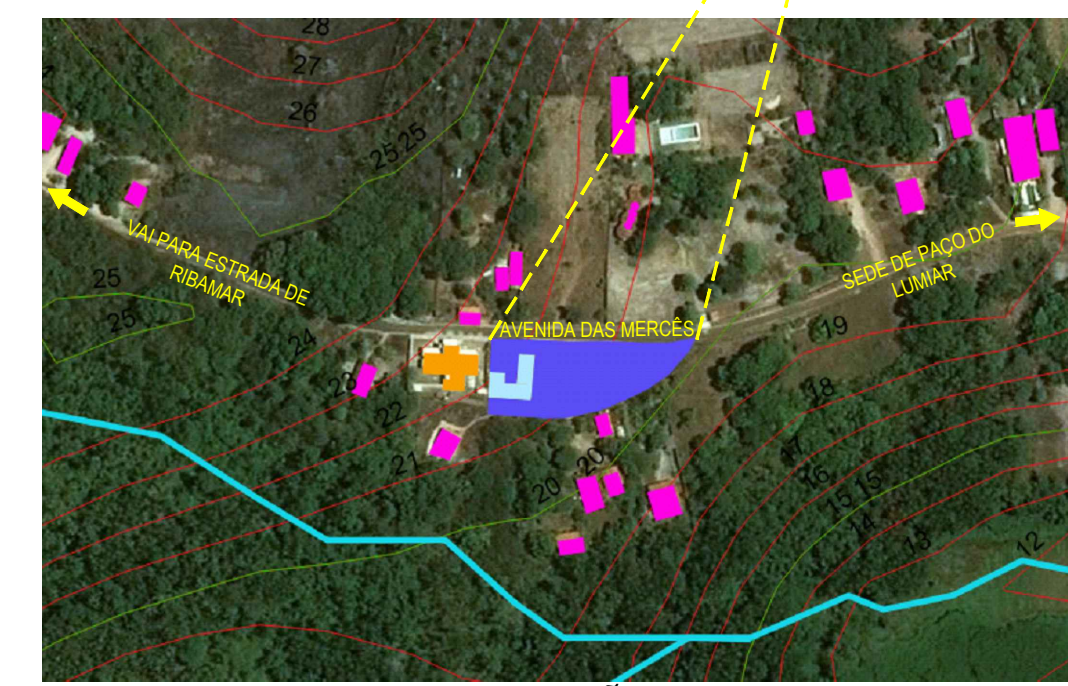
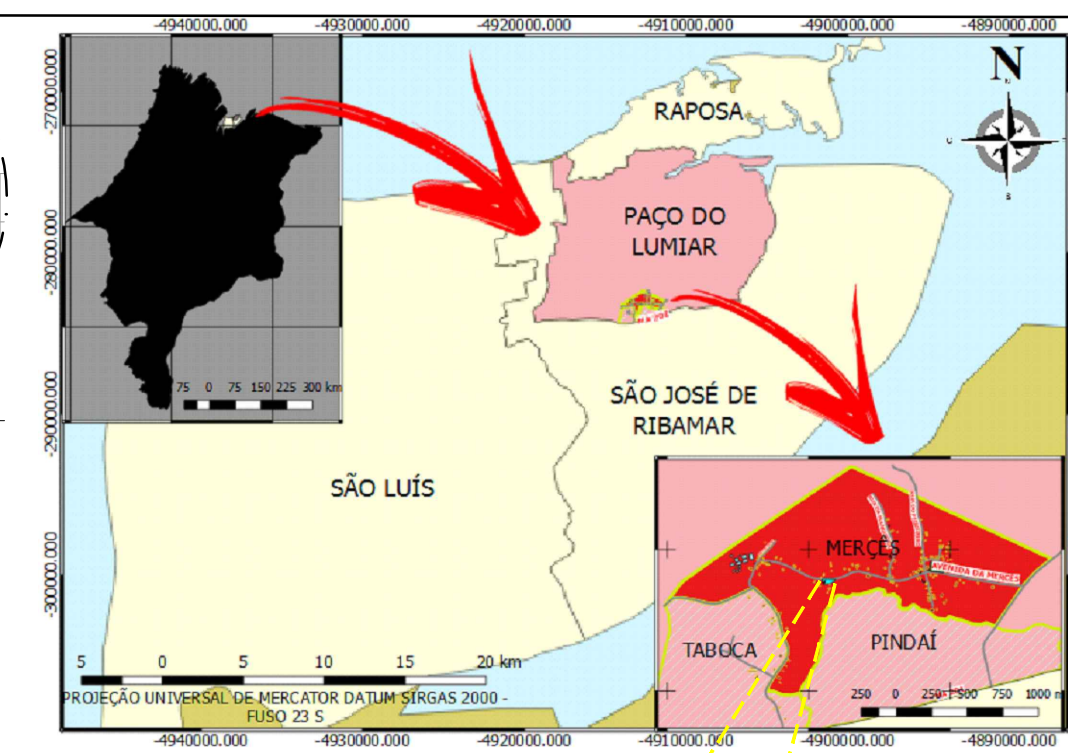
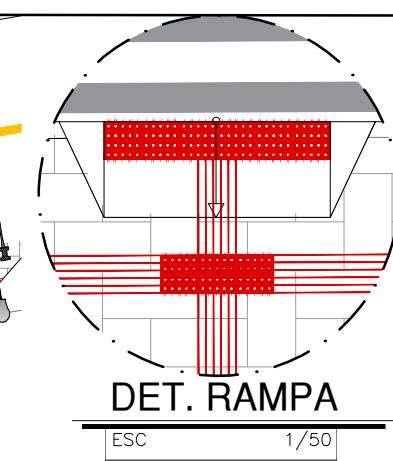
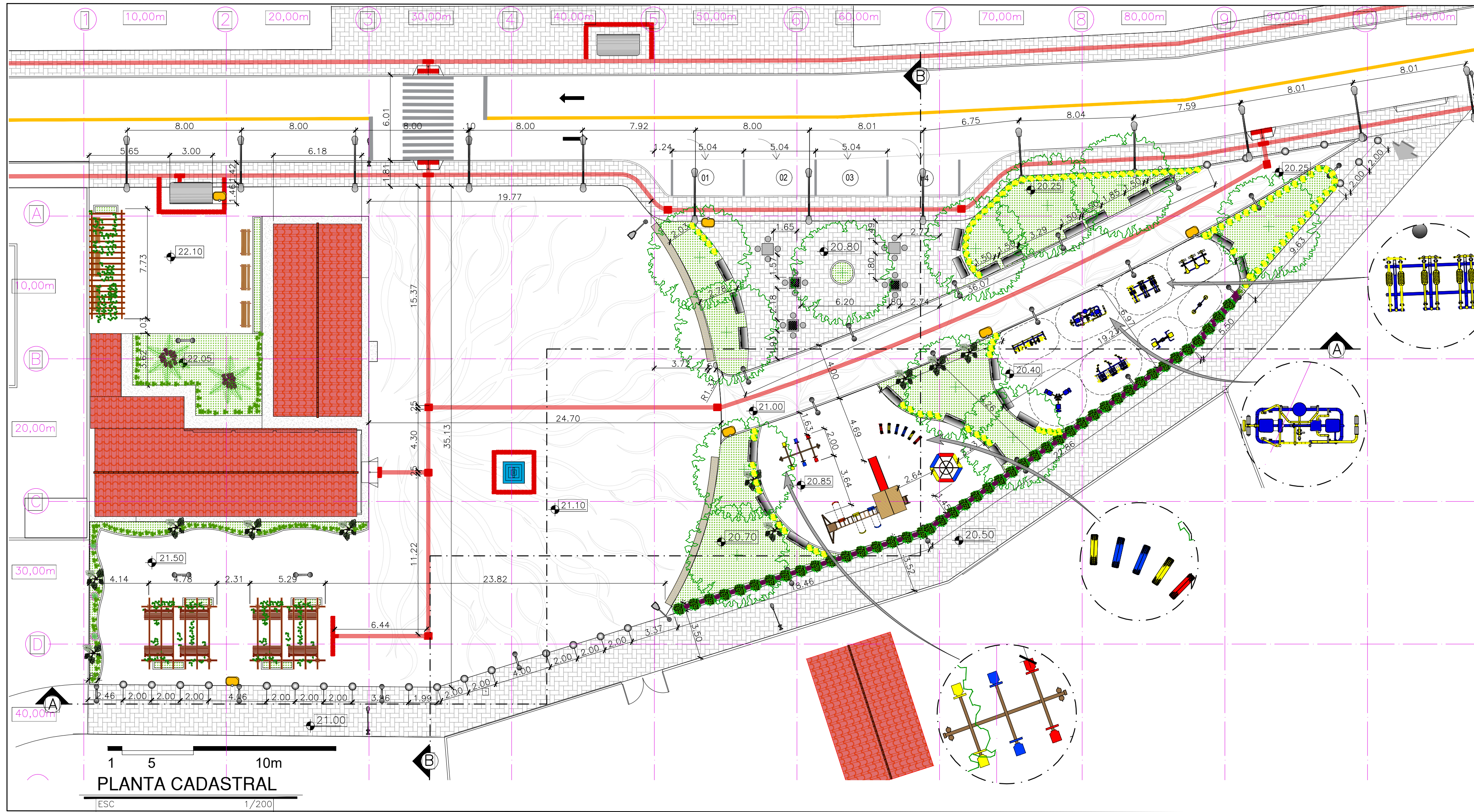
APÊNDICE B – PRANCHAS EM ANEXO

01/04 – PLANTA CADASTRAL

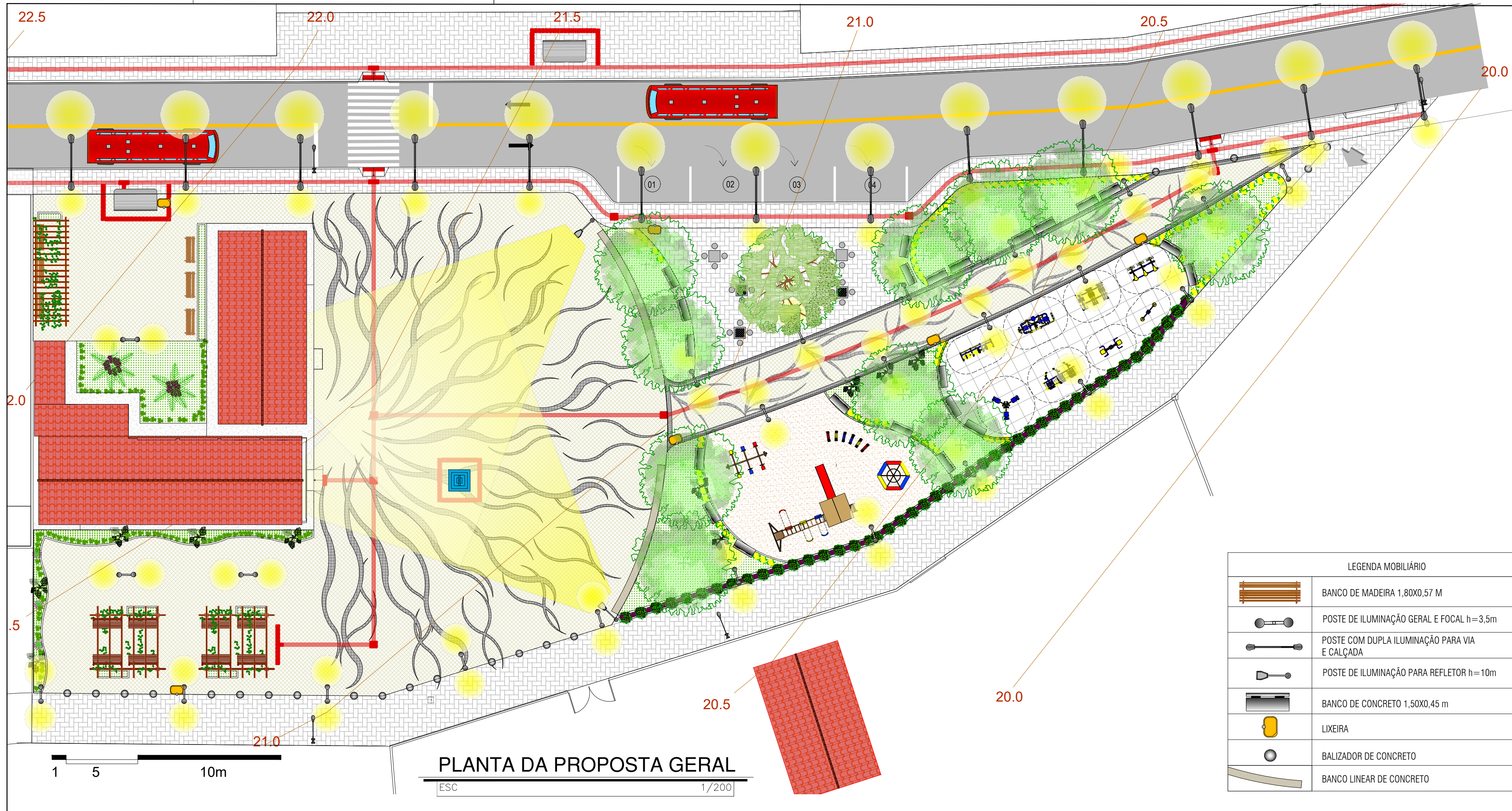
02/04 – PROPOSTA GERAL DE INTERVENÇÃO

03/04 – CORTE AA, CORTE BB E PERSPECTIVA GERAL

04/04 – PERSPECTIVAS



		UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO	
		CCT – Centro de Ciências Tecnológicas CAU – Curso de Arquitetura e Urbanismo DAU – Departamento e Arquitetura e Urbanismo Rua da Estrela, 472 – Centro – São Luís – Maranhão Tels.: (98) 3222-6162 e 3222-9640	
DISCIPLINA:	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO	ORIENTADORA:	DRa. THAIS ZENKNER
ALUNA:	NAYR HELANA BOTÃO MARTINS (1313225)		
NOME DO PROJETO:	ESTUDO PRELIMINAR PARA A PRAÇA DA MERÇÊS EM PAÇO DO LUMIAR – MA		
ENDEREÇO:	AVENIDA PRINCIPAL, SN, MERÇÊS, PAÇO DO LUMIAR – MA		
DESCRIMINAÇÃO:	PLANTA BAIXA GERAL	DATA:	JUL/2019
		ESCALA:	1/200
		PRANCHA:	01/04



PLANTA DA PROPOSTA GERAL
 ESC 1/200

LEGENDA DE PISOS	
	BLOCOS DE CONCRETO INTERTRAVADO NA COR CINZA 10X20X8CM
	AREIA MÉDIA
	PEDRA PORTUGUESA NA COR PRETA
	PEDRA PORTUGUESA NA COR BEGE
	GRAMA JAPONESA
	PISO DE CIMENTO COM JUNTAS A CADA 1 M
	PISO TÁTIL

MOBILIÁRIO - ACADEMIA AO AR LIVRE	
	EQUIPAMENTO MULTIPLO EXERCITADOR ACADEMIA
	EQUIPAMENTO ESQUI TRIPLO ACADEMIA
	EQUIPAMENTO CAMINHADA TRIPLO ACADEMIA
	EQUIPAMENTO CAVALGADA TRIPLO ACADEMIA
	EQUIPAMENTO ALONGADOR DUPLO ACADEMIA
	EQUIPAMENTO PUXADOR PEITORAL DUPLO ACADEMIA
	EQUIPAMENTO BICICLETA CADEIRA TRIPLO ACADEMIA
	EQUIPAMENTO PRESSÃO PERNAS TRIPLO ACADEMIA

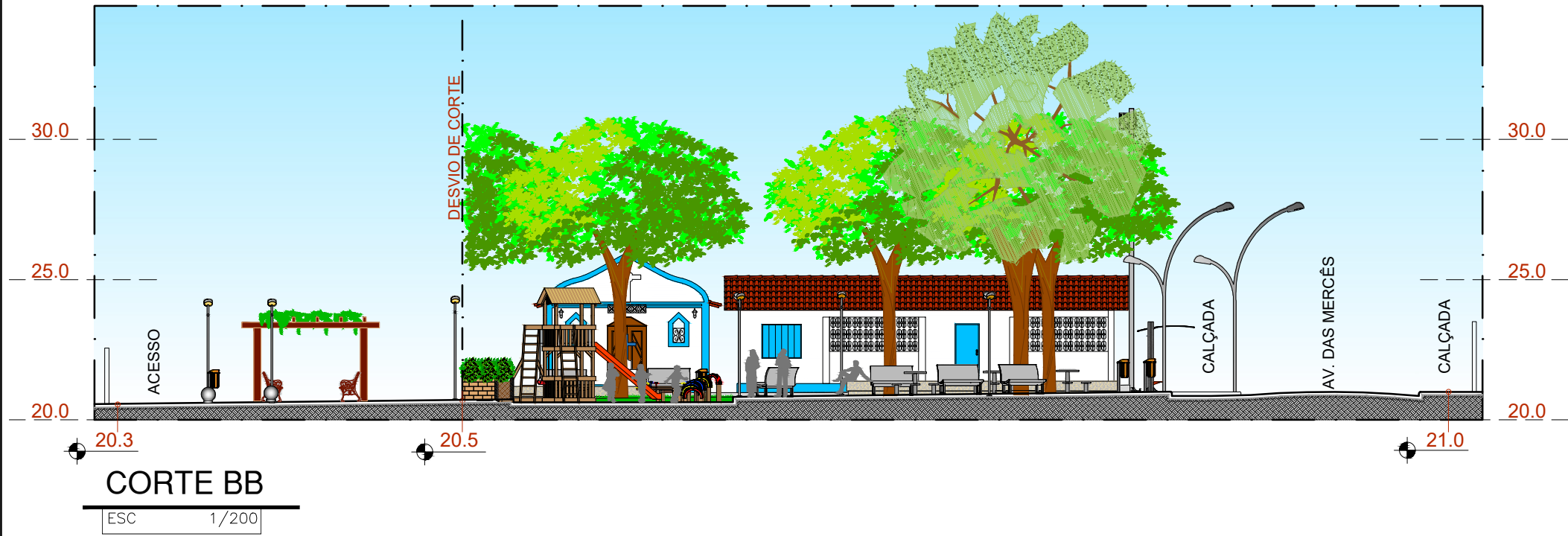
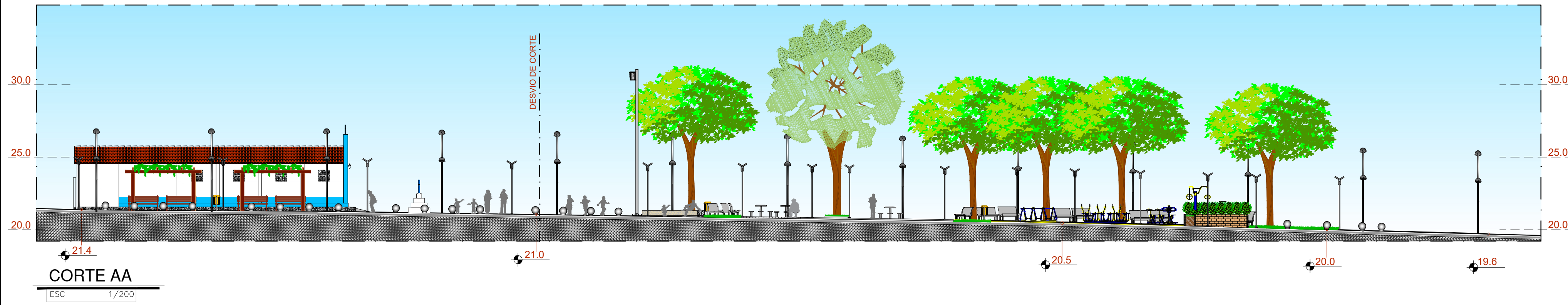
LEGENDA ÁRVORES E FORAÇÕES	
	PATA DE VACA - <i>Bauhinia forficata</i>
	OITIZEIRO - <i>Licania tomentosa</i>
	BUXINHO - <i>Buxus Sempervirens</i>
	LAMBORI ROXO - <i>Tradescantia Zebrina</i>
	ALAMANDA - <i>Allamanda cathartica</i>

MOBILIÁRIO - SETOR RECREATIVO	
	BRINQUEDO MULTIPLO COM ESCORREGADOR, BALANÇO E CASINHA EM ESTRUTURA DE MADEIRA E METAL
	GIRA-GIRA
	GANGORRA
	TÚNEL DE PNEU
	MESA E BANCOS DE CONCRETO

LEGENDA MOBILIÁRIO	
	BANCO DE MADEIRA 1,80X0,57 M
	POSTE DE ILUMINAÇÃO GERAL E FOCAL h=3,5m
	POSTE COM DUPLA ILUMINAÇÃO PARA VIA E CALÇADA
	POSTE DE ILUMINAÇÃO PARA REFLETOR h=10m
	BANCO DE CONCRETO 1,50X0,45 m
	LIXEIRA
	BALIZADOR DE CONCRETO
	BANCO LINEAR DE CONCRETO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
 CCT – Centro de Ciências Tecnológicas
 CAU – Curso de Arquitetura e Urbanismo
 DAU – Departamento e Arquitetura e Urbanismo
 Rua da Estrela, 472 – Centro – São Luis – Maranhão
 Tels.: (98) 3222-6162 e 3222-9640

DISCIPLINA:	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO	ORIENTADORA:	DRa. THAIS ZENKNER
ALUNA:	NAYR HELANA BOTÃO MARTINS (1313225)		
NOME DO PROJETO:	ESTUDO PRELIMINAR PARA A PRAÇA DA MERCÊS EM PAÇO DO LUMIAR – MA		
ENDEREÇO:	AVENIDA PRINCIPAL, SN, MERCÊS, PAÇO DO LUMIAR – MA		
DESCRIMINAÇÃO:	PLANTA BAIXA GERAL	DATA:	JUL/2019
		ESCALA:	1/200
		PRANCHA:	02/04



PERSPECTIVA DA PROPOSTA
SEM ESCALA

		UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CCT – Centro de Ciências Tecnológicas CAU – Curso de Arquitetura e Urbanismo DAU – Departamento e Arquitetura e Urbanismo Rua da Estrela, 472 – Centro – São Luís – Maranhão Tels.: (98) 3222-6162 e 3222-9640	
DISCIPLINA:	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO	ORIENTADORA:	DRa. THAIS ZENKNER
ALUNA:	NAYR HELANA BOTÃO MARTINS (1313225)		
NOME DO PROJETO:	ESTUDO PRELIMINAR PARA A PRAÇA DA MERCÊS EM PAÇO DO LUMIAR – MA		
ENDEREÇO:	AVENIDA PRINCIPAL, SN, MERCÊS, PAÇO DO LUMIAR – MA		
DESCRIMINAÇÃO:	CORTE AA, CORTE BB E PERSPECTIVA GERAL	DATA:	JUL/2019
		ESCALA:	1/200
		PRANCHA:	03/04



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

CCT – Centro de Ciências Tecnológicas
 CAU – Curso de Arquitetura e Urbanismo
 DAU – Departamento de Arquitetura e Urbanismo
 Rua da Estrela, 472 – Centro – São Luis – Maranhão
 Tels.: (98) 3222-6162 e 3222-9640

DISCIPLINA:	TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO	ORIENTADORA:	THAÍS ZENKNER
ALUNA:	NAYR HELANA BOTÃO MARTINS (1313225)		
NOME DO PROJETO:	ESTUDO PRELIMINAR PARA A PRAÇA DA MERCÊS EM PAÇO DO LUMIAR – MA		
ENDEREÇO:	AVENIDA PRINCIPAL, SN, MERCÊS, PAÇO DO LUMIAR – MA		
DESCRIMINAÇÃO:	PERSPECTIVAS DA PROPOSTA	DATA:	JUL/2019
		ESCALA:	SEM
		PRANCHA:	04/04



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO